

O MILENARISMO EM EXEMPLOS MEDIEVAIS E CONTEMPORÂNEOS À LUZ DO MAGISTÉRIO ECLESIÁSTICO

Millenarianism in Medieval and Contemporary Examples in the Light of Ecclesiastical Magisterium

Felipe de Azevedo Ramos, EP¹

Resumo

Ao analisar a história da Igreja ao longo de seus dois mil anos, verifica-se que sua trajetória esteve coalhada de toda sorte de heresias, muitas delas relacionadas a desequilíbrios na interpretação de trechos das Escrituras, especialmente do livro do Apocalipse. Neste sentido, destacamos o milenarismo, tanto de ordem espiritual quanto político-social. O presente artigo visa traçar um perfil do milenarismo à luz do magistério eclesiástico, buscando a resposta da Igreja para as falsificações da espiritualidade e da escatologia católica em nossos dias. Para tanto, serão examinados exemplos de movimentos milenaristas cristãos até a era do Protestantismo, bem como o milenarismo no século XX, esclarecendo sua significação e apontando suas características gerais.

Palavras-chave: Milenarismo cristão, messianismo, escatologia, Magistério.

Abstract

Upon analyzing the history of the Church over its two thousand years, one finds its course fraught with a broad range of heresies, many of them related to imbalances in the interpretation of Scriptural passages, especially the Book of Apocalypse. In that respect, we highlight millenarianism, both of a spiritual and socio-political order. This article seeks to outline millenarianism, in the light of ecclesiastical Magisterium, in search of the response of the Church to the falsifications of Catholic spirituality and eschatology in our day. To do so, we will examine examples of Christian millennialist movements up to the Protestant era, as well as millenarianism in the twentieth century, clarifying their significance and pointing out their general characteristics.

Keywords: Christian millenarianism, messianism, eschatology, Magisterium.

1) Doutor em Filosofia pela Pontificia Università San Tommaso d'Aquino (Angelicum, Roma), com pós-graduação em Estudos Medievais (Diplôme Européen d'Études Médiévales – FIDEM) e professor no IFAT.

Introdução

Na bimilenar história da Igreja encontram-se as mais variadas espécies de heresias e desvios doutrinários, de modo particular durante os primeiros séculos depois de Cristo.² Basta folhear o *Compêndio dos Símbolos, definições e declarações de fé e moral* — conhecido pelo epíteto de “Denzinger” — para verificar a variedade e a quantidade de disparates nascidos em todas as épocas, por vezes oriundos de ligeiros equívocos, e conseqüente indução ao erro, ou até mesmo devidos a simples descontextualizações. Por outro lado, não é infrequente encontrar mútuas acusações de heresias entre os grupos, sobretudo quando estes pretendem tomar o poder constituído, como foi o caso dos hussitas na Boêmia, dos huguenotes na França, dos calvinistas em Genebra e dos puritanos na Inglaterra.

Através dos Santos Padres, a Igreja Primitiva procurou formular de modo fundamentado as principais verdades de nossa Fé. Mesmo assim, postulações em torno da Santíssima Trindade, da Encarnação do Verbo e da Redenção se tresmalharam, por vezes, pela adesão equivocada a determinadas doutrinas. Eloquentes exemplos foram a discussão acerca da dupla processão do Espírito Santo, obrigando a Igreja a incluir a cláusula *Filioque* (e do Filho) no Credo Niceo-Constantinopolitano. Quão certa era a afirmação de São Tomás de Aquino: “Um pequeno erro no princípio torna-se grande no fim”...³ Por isso, a Tradição julgou necessária uma condenação dos desvios doutrinários na própria raiz da tese, para evitar estragos ainda maiores em todos os campos, inclusive sociológicos.

Como reza o brocardo, a verdade muitas vezes se revela nos matizes. Ora, muitos autores ao longo da história eclesial procuraram descortinar o sentido mais profundo de trechos da Escritura tomando por base pequenos detalhes dela, de modo particular, a partir de recortes do sempre muito comentado livro do Apocalipse. A hermenêutica do último livro bíblico por certo revela importantes dados para a Fé Católica, desde a liturgia celestial até eventos escatológicos. Contudo, a sua interpretação nem sempre se mostrou fácil, tornando-se às vezes desequilibrada, seja pelo literalismo extremado, seja pela alegoria descompassada. A sabedoria dos doutores, unida aos ensi-

2) Cf. e.g. MARJANEN, Antti; LUOMANEN, Petri. *A Companion to Second-Century Christian “Heretics”*. Leiden; Boston: Brill, 2008; EDWARDS, M. J. *Catholicity and Heresy in the Early Church*. Farnham, Surrey, England; Burlington, VT: Ashgate Pub., 2009.

3) TOMÁS DE AQUINO. *De ente et essentia*, prol.

naamentos do Magistério da Igreja e ao discernimento do *sensus fidei*, é critério essencial para uma reta leitura da Sagrada Bíblia.

Essa perspectiva é ainda mais evidenciada quando se considera o assim denominado “milenarismo”, seja este referente a eventos escatológicos, seja ele voltado a movimentos sociais que pulularam a partir de construções errôneas das Escrituras ou mesmo de cânones forjados por grupos revolucionários.

Para traçar o perfil do milenarismo, à luz dos ensinamentos emanados pela Santa Sé, convém esclarecer, em primeiro lugar, a sua significação, conforme diversos léxicos. Em segundo lugar, analisa-se brevemente a interpretação histórica do trecho do Apocalipse alusivo aos “mil anos”. Como fica patente, o termo “milenarismo” passou por algumas metamorfoses semânticas, conotando mais tarde uma espécie de caricatura do profetismo ou da mística, com frequentes atuações no âmbito político, sobretudo a partir da Idade Média.

O século XX reconstruiu várias teses medievais de índole milenarista, acrescentando novas visualizações. A Santa Sé não tardou em se pronunciar a esse respeito, dividindo a temática em três grupos principais: os falseamentos mais inclinados ao espiritualismo (*New Age*), os desvios tendentes à politização (os movimentos totalitários) e os que mesclam as duas vertentes (Teologia da Libertação).

1. Significado e breve histórico do conceito de milenarismo

Ao compulsar alguns dos melhores léxicos de Teologia, encontram-se variadas definições para o termo “milenarismo”.

Segundo a *New Catholic Encyclopedia*, o milenarismo ou o quiliasmo (do grego *kilias* = mil) é “a doutrina segundo a qual antes do Juízo Final, Cristo retornará à terra para estabelecer um reino terreno, um reino que durará mil anos, o milênio”.⁴

O *Lexikon für Theologie und Kirche* explica que a palavra se refere à “esperança de um reino messiânico baseado na contagem de mil anos, precedido por uma consumação da criação e da história”.⁵

4) KUEHNER, R.; DOLAN, J. P. Millenarism. In: CARSON, Thomas; CERRITO, Joann (ed.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Thomson/Gale, 2003, v. 9, p. 633.

5) BAUMGARTNER, Hans Michael. Chiliasmus. In: KASPER, Walter (ed.). *Lexikon für Theologie und Kirche*. Freiburg et al.: Herder, 1993, v. 2, p. 1045.

Já a *Encyclopedia of Religion* sustenta que o verbete significa a “crença que o fim do mundo está próximo e que em seu despertar aparecerá um Novo Mundo, ilimitadamente fértil, harmonioso, santificado e justo”.⁶

Por fim, o *Dictionnaire de Théologie Catholique* define-o como “erro professado por aqueles que esperam um reino temporal do Messias, reino cuja duração fixa-se às vezes em mil anos”.⁷

Para melhor compreensão do conceito proposto, convém realizar um percurso diacrônico.

O principal texto utilizado pelas interpretações milenaristas da Revelação é o do livro do Apocalipse de São João (20,2-7).⁸ Nesse trecho, o Evangelista manifesta a existência de um determinado período de mil anos, quando Cristo reinará com os portadores do “sinal” e durante o qual o demônio ficaria encadeado.

Exegeses literais dessa passagem encontraram eco em diversos autores cristãos dos primeiros tempos, tais como: Papias (talvez o primeiro), São Justino, Santo Irineu de Lyon, Tertuliano, Victorino, Metódio, Lactânio, etc.⁹ De qualquer forma, esses autores defendiam sempre um milenarismo de ordem espiritual (não político ou material, portanto).

Mais tarde, Santo Agostinho aborda o tema na *Cidade de Deus*, interpretando-o em clave simbólica. Para o Hiponense, o “milênio” indica perfeição, não correspondendo necessariamente ao estrito período de “mil anos”.¹⁰ Ademais, a natureza do reino prenunciado pelo Apocalipse também seria desconhecida. Por fim, a solução agostiniana encontrou difundida adesão para a compreensão escatológica na Igreja nos séculos sucessivos, tornando-se um marco.

André de Cesareia (563-637), por exemplo, defende que os “mil anos” não se referem a essa duração propriamente, uma vez que o Rei Davi já propu-

6) SCHWARTZ, Hillel. Millenarism: an Overview. In: JONES, Lindsay (ed.). *Encyclopedia of Religion*. 2. ed. Detroit: Macmillan Reference, 2005, v. 9, p. 6028.

7) BARDY, Gustave. Millénarisme. In: VACANT, A.; MANGENOT, E.; AMANN, É. (ed.). *Dictionnaire de Théologie Catholique*. Paris: Letouzey et Ané, 1929, v. 10, p. 1760.

8) Cf. COURT, John M. *Approaching the Apocalypse: a Short History of Christian Millenarianism*. London: I B Tauris & Co Ltd., 2008, p. 2.

9) Cf. e.g. PANI, Giancarlo. Il millenarismo: Papià, Giustino e Ireneo. *Annali di Storia dell'Essegesi*, v. 15, 1998, p. 53-84; ONYEMA, Eke Wilfred. *The Millennial Kingdom of Christ (Rev 20,1-10): a Critical History of Exegesis with an Interpretative Proposal*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2013, p. 44; SIMONETTI, Manlio. Il millenarismo cristiano dal I al V secolo. *Annali di storia dell'essegesi*, v. 15, 1998, p. 7-20.

10) Cf. *De civ. Dei*, XX, 7, 2 (PL 41, 668).

nha que “mil anos, diante de vós [Deus], são como o dia de ontem que já passou, como uma só vigília da noite” (Sl 89,4). Na perspectiva do teólogo grego, pois, a data exata dessa vinda estaria reservada apenas ao conhecimento divino.¹¹

Ecumênio, Bispo de Trikka (Grécia) no século X, continuou nessa mesma linha de interpretação:

O Apocalipse não nos apresenta o milenarismo dos gregos ateus e a transmigração de almas e a água de Letes,¹² e eu não conheço outra conversa ociosa e insensata do que quando se fala que o demônio estará amarrado por mil anos e depois será libertado para enganar as nações. Estejam longe dos ensinamentos destrutivos que são próprios à estupidez dos gregos. O que, entretanto, isso significa? O profeta diz: “Pois mil anos, diante de vós, ó Senhor, são como o dia de ontem que já passou, como uma só vigília da noite” (Sl 89,4). Portanto, mil anos diante de Deus é entendido como um dia. E, na sua segunda carta, São Pedro diz a mesma coisa quando escreve: “há uma coisa, amados, que não deveis ignorar: um dia diante do Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia” (II Pd 3,8). Ora, o que ocorre é isso. Ademais, Santo Isaías fala da inteira encarnação do Senhor como se fosse um “dia”, dizendo: “No tempo do meu favor te respondi, no dia da salvação te socorri” (Is 49,8). [...] Então, portanto, como foi indicado, entendemos a encarnação do Senhor e sua permanência na terra chamada de “um dia” e de “mil anos” sem distinção nas Sagradas Escrituras; tal número é usado de modo figurativo.¹³

No período medieval permaneceu, *grosso modo*, a tese adotada por Santo Agostinho,¹⁴ apesar do amadurecimento de novas interpretações, conforme se analisará mais adiante. Por exemplo, São Tomás de Aquino, referindo-se às palavras do Hiponense,¹⁵ qualifica os quiliastas ou milenaristas como “aqueles hereges que afirmaram que haveria uma primeira ressurreição dos mor-

11) ANDREW OF CAESAREA. *Commentary on the Apocalypse*. Washington, D.C.: Catholic University of America Press, 2012, p. 206.

12) Do grego λήθη, significando “esquecimento”. Na mitologia grega o Letes era um dos diversos rios de Hades. A água de Letes teria a propriedade de fazer com que se esquecesse do passado, quando dela se bebia.

13) ECUMÊNIO. *Comentário ao Apocalipse*, 20,1-3 apud OIKOUMENIOS; ANDREW OF CAESAREA. *Greek Commentaries on Revelation*. WEINRICH, William C.; ODEN, Thomas C., ed. Downers Grove, Ill.: IVP Academic, 2011, p. 86-87.

14) Cf. PLACANICA, Augusto. *Millennio: realtà e illusioni dell'anno epocale*. Roma: Donzelli, 1997, p. 65.

15) Cf. *De civ. Dei*, XX, 7, 1 (PL 41, 668).

tos, a fim de que reinassem com Cristo, mil anos sobre a terra”.¹⁶ De qualquer modo, essa foi a posição na prática oficial da Igreja nos séculos imediatamente sucessivos, como testemunham vários autores de prestígio, tais como: Domingo de Soto, São Roberto Belarmino, Francisco Suárez e Cornélio a Lápide.

A despeito disso, a palavra “milenarismo” é citada apenas uma vez no mencionado *Compêndio* de Denzinger-Hünemann, para prevenir a sua denominada forma “mitigada” proposta pelo padre chileno Manuel Lacunza y Díaz, SJ (1731-1801) no livro *La Venida del Mesías en gloria y majestade*. Esse escrito foi censurado pelo Index em 1824, proibindo a sua circulação inclusive em versão traduzida.¹⁷

Segundo o exegeta jesuíta, haveria ainda um terceiro advento de Jesus sobre a terra, isto é, antes da segunda vinda anunciada nas Escrituras. Praticamente desconhecido pelos católicos, tornou-se um dos precursores dos Adventistas do Sétimo Dia.¹⁸

Eis o trecho do Decreto do S. Ofício (19-21 jul. 1944), citado no *Compêndio* Denzinger-Hünemann, que desaprova as suas teses:

Pergunta: Que deve-se pensar do sistema do milenarismo mitigado, quer dizer, do que ensina que o Cristo Senhor antes do juízo final, com ou sem ressurreição prévia de muitos justos, virá visivelmente à terra para reinar? Resp. (*confirmada pelo Sumo Pontífice*, 20/07): O sistema do milenarismo mitigado não pode ser ensinado com segurança.¹⁹

Mais tarde, o *Catecismo da Igreja Católica* (n. 676) confirmou essa posição, acrescentando matizes de ordem sociológica:

16) Cf. *In Sent.*, IV, d. 43, q. 1, a. 3, qc. 1, ad 4 (cit. compl.): “Ad quartum dicendum, quod occasione illorum verborum, ut Augustinus narrat, *XX Lib. de Civit. Dei*, quidam haeretici posuerunt primam resurrectionem futuram esse mortuorum, ut cum Christo mille annis in terra regnarent; unde vocati sunt Chiliastae, quasi millenarii; et Augustinus ibidem ostendit verba illa aliter esse intelligenda, scilicet de resurrectione spirituali, per quam homines a peccatis dono gratiae resurgunt. Secunda autem resurrectio est corporum”. Cf. etiam: *SCG*, III, cap. 27, n. 11: “Excluditur etiam error Cerinthianorum qui in ultima felicitate, post resurrectionem, mille annos in regno Christi secundum carnales ventris voluptates fabulantur futuros: unde et Chiliastae (quasi millenarii), sunt appellati. Excluduntur etiam Iudaeorum et Sacerdotum fabulae, quae retributiones iustorum in praedictis voluptatibus ponunt: felicitas enim est virtutis praemium”; *SCG*, IV, cap. 83, n. 13: “Nullo autem modo ista possunt nisi a carnalibus credi. Hi autem qui spirituales sunt, istos ista credentes Chiliastas appellant, Graeco vocabulo, quod, verbum e verbo exprimentes, nos possumus millenarios nuncupare, ut Augustinus dicit, *XX de civitate Dei*”.

17) Cf. ZABALLA BEASCOECHA, Ana de. La “Venida del Mesías” de Manuel Lacunza. Primeras ediciones y críticas. *Anuario de Historia de la Iglesia*, v. 11, 2002, p. 115-117.

18) Cf. OLIVARES, Sérgio. Manuel Lacunza: a Conexão Adventista. *Diálogo*, v. 6, 1, 1994, p. 12-15.

19) DH 3839. Cf. etiam: AAS, 36, 1944, 212.

Esta impostura anticristica já se esboça no mundo toda vez que se pretende realizar na história a esperança messiânica que só pode realizar-se para além dela, por meio do juízo escatológico: mesmo em sua forma mitigada, a Igreja rejeitou esta falsificação do Reino vindouro sob o nome de milenarismo, sobretudo sob a forma política de um messianismo secularizado, “intrinsecamente perverso”.²⁰

Trata-se aqui da primeira tentativa de definição do milenarismo de modo oficial pela Igreja. Como ficou esclarecido, essa teoria foi censurada tanto em sua versão “mitigada”, como em sua vertente sociopolítica.

É interessante ressaltar, ademais, que o *Catecismo* de 1992 oferece duas características principais acerca do milenarismo. Em primeiro lugar, denota antes de tudo uma *falsificação* do Reino futuro. Em outras palavras, tratar-se-ia, no âmbito cristão, de uma adulteração da real interpretação bíblica, omissão ou acréscimo de doutrinas contrafeitas à reta escatologia proposta pela Igreja. Em segundo lugar, a forma pejorada deste fenômeno se encontraria em sua versão política, em particular, quando atrelado a movimentos totalitários do século XX, conforme se estabelecerá mais adiante.

Há, porém, poucas referências explícitas ao milenarismo nos ensinamentos recentes emanados pela Santa Sé. Antes de tudo, há breves alusões nas Cartas Apostólicas jubilares *Tertio millennio adveniente* e *Novo millennio ineunte*, as quais convidavam a interpretar o advento do terceiro milênio, sem “fantasias milenaristas” ou sem adesão a um “novo milenarismo, como fizeram alguns no final do primeiro milênio”.²¹ Entre os movimentos recentes que contêm alguma forma de milenarismo incluem-se a Teologia da Libertação, à luz dos ensinamentos de Bento XVI, e o fenômeno *New Age*, retratado sobretudo nos documentos de João Paulo II.

Isso considerado, é possível adiantar um significado mais estrito do termo “milenarismo”. Tomando como base a Teologia e o Magistério, podemos especificar que se trata da doutrina seguida por aqueles — em geral pertencentes a um reduzido clã — que se preocupam *literalmente* com as fases de mil anos na história, em particular no tocante ao Reino terrestre de Cristo e sua visível aparição (ou seja, sustenta-se uma terceira vinda d’Ele antes do fim do mundo). Sua forma mais “perversa” está associada ao secularismo ou à política na aplicação de suas ideias.

20) A expressão “intrinsecamente perverso” se encontra originariamente em Pio XI. Carta encíclica *Divini Redemptoris*, n. 58, ao condenar o “falso misticismo” desta “contrafação da redenção dos humildes”.

21) JOÃO PAULO II. *Tertio millennio adveniente*, n. 23 (AAS 87, 1995, 19).

Por outro lado, se o milenarismo é visualizado numa acepção mais generalizada, percebe-se que não inclui *a fortiori* a contagem de mil anos conforme a semântica da palavra, embora se recorra com frequência a datações precisas para os eventos do porvir. Contudo, não se exclui que todas ou parte das doutrinas professadas pelo movimento quiliasta sejam direcionadas a realizações futuras, aliadas ao descontentamento ou à insatisfação radical pelo atual estado das coisas (*status quo*).

Nesse sentido, apesar da desaprovação por parte da Igreja e por diversos teólogos de escol, a doutrina milenarista foi adotada por alguns movimentos medievais e pré-medievais. Conforme já mencionado, no século XX, certos movimentos sociopolíticos ou de caráter esotérico retomaram algumas de suas teses.

Considerando a variedade de partidos e correntes, é difícil restringir o sentido do termo em questão ou apresentar uma espécie de cânon milenarista. Seja como for, a sua dogmática é quase sempre baseada na mistagogia de seu mentor. Nessa esteira, a peça-chave para a caracterização do milenarismo — sobretudo na versão mais “perversa”, i.e. secularizada ou profana — é a figura do líder carismático ou messiânico. Não é incomum que este se autodenomine o “messias” ou o “ungido”, ou ainda o próprio precursor da segunda vinda de Cristo.²²

O conceito de milenarismo pode ser ainda ampliado pela abordagem de estudos especializados. Certos autores se concentram nos aspectos escatológicos para a sua caracterização, outros se fixam na esfera sociopolítica. Por exemplo, o clássico livro sobre o assunto, *The Pursuit of the Millennium* (na tradução portuguesa: *Na senda do milênio*), de Norman Cohn, evidencia que as características atribuídas aos grupos milenaristas se concentram numa espécie de salvação ou redenção futura. Em sua ótica, esta deveria ser: a) *coletiva*, ou seja, os aderentes dos ensinamentos do movimento gozarão dela em seu conjunto; b) *terrena*, isto é, suas expectativas se realizarão na terra; c) *iminente*, ou seja, será súbita e em breve tempo; d) *total*, referindo-se à total transformação da face da terra (portanto, não apenas uma melhoria, mas ao alcance da própria perfeição); e) *miraculosa*, ou seja, alcançada mediante o auxílio de forças sobrenaturais.²³

22) Cf. COURT, John M. *Approaching the Apocalypse: a Short History of Christian Millenarianism*. London: I. B. Tauris, 2008, p. 4.

23) COHN, Norman Rufus Colin. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Messianism in Medieval and Reformation Europe and Its Bearing on Modern Totalitarian Movements*. New York: The Academy

Entre os autores que se concentram em prismas seculares, destaca-se a definição, também clássica, da socióloga brasileira Maria Isaura Pereira de Queiroz:

O milenarismo é a crença de uma era vindoura, profana, mas ao mesmo tempo sagrada, terrestre, mas ao mesmo tempo celeste; todas as coisas erradas seriam consertadas; todas as injustiças reparadas; a doença e a morte abolidas. Está na própria natureza do milenarismo ser ao mesmo tempo religioso e sócio-político, e ligar estreitamente o sagrado e o profano.²⁴

Evidenciados alguns conceitos referentes ao milenarismo nos dicionários, em alguns ensinamentos da Santa Sé e em autores especializados, convém agora extrair algumas características de exemplos clássicos de milenarismo.

2. Exemplos de movimentos milenaristas cristãos até a era do Protestantismo

Cumprido observar, de antemão, que o milenarismo está com frequência relacionado ao chamado “apocalíptico” ou mesmo ao messianismo.²⁵ De fato, muitos cenários da dogmática milenarista vislumbram a aparição ou reaparição de um homem quase-divino, redentor ou messias, que se converteria em líder de um entrechoque contra determinadas forças inimigas. Seria ele, com frequência, um comandante bélico ou um salvador espiritual (ou ambos), que reinaria glorioso no novo império escatológico.²⁶

Esse fenômeno é ainda mais comum após o advento do Protestantismo, sobretudo por ligações de certos grupos cristãos com o ocultismo, esoterismo ou simples deturpação do misticismo, nos quais também são mais frequentes peculiaridades de índole afetiva (como, por exemplo, o comunismo marital).

Library, 1969, p. 15. Tr. port.: COHN, Norman Rufus Colin. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1981, p. 11.

24) PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *Réforme et révolution dans les sociétés traditionnelles: histoire et ethnologie des mouvements messianiques*. Paris: Anthropos, 1968, p. 4: “Le millénarisme est la croyance en un âge à venir, profane et pourtant sacré, terrestre et pourtant céleste ; tous les torts seraient alors redressés ; toutes les injustices réparées ; la maladie, la mort abolies. Il est dans la nature même du millénarisme d’être en même temps religieux et socio-politique, et de lier étroitement le sacré et le profane”.

25) WOJCIK, Daniel. Avertive Apocalypticism. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford Handbook of Millennialism*. Oxford: OUP, 2016, p. 66-88.

26) Cf. GREISIGER, Lutz. Apocalypticism, Millenarianism, and Messianism. In: SILVERSTEIN, Adam J.; STROUMSA, Guy G. (ed.). *The Oxford Handbook of Abrahamic Religions*. Oxford: OUP, 2015, p. 280.

Eis um pequeno elenco desses movimentos (incluindo não cristãos): shakers, mórmons, Igreja da Unificação, Lubavitchers, Perfeccionistas de Oneida, Bruxaria Diânica, Wicca, bem como diversos movimentos ligados ao *New Age*.²⁷ O messianismo foi também atribuído a diversos movimentos totalitários como o nazismo e o comunismo marxista, “intrinsecamente perverso”,²⁸ conforme acima mencionado. Esse tema será abordado em detalhes numa parte específica. Por enquanto, cumpre repassar em rápidas pinceladas alguns exemplos de milenarismo dito “cristão” até o século XVI.

2.1. Simão Bar Kozeba

Ainda no âmbito judaico, durante a terceira revolta dos judeus contra os romanos (131-135 d.C.), Simão Bar Kozeba (Bar Kochba) conduziu batalhas pela independência nacional. Moedas e documentos foram impressos com os termos “anos da redenção”.²⁹ O líder pseudosalvador se autoproclamou messias e seu movimento o seguiu como um “nasi” (príncipe), afirmando: “Este é o rei Messias”.³⁰ Tratava-se, na visão de especialistas, de um movimento essencialmente “revolucionário”.³¹

2.2. Montanismo

No século II, floresceu o movimento iniciado por Montano, na Frígia, após supostas visões ocorridas antes do ano 172. Foi ele responsável pela difusão de ideias apocalípticas, segundo as quais ele próprio seria a encarnação do Espírito Santo, bem como o receptáculo de revelações de eventos vindouros, conforme certo trecho da Bíblia (cf. Jo 16,13). Muitos estudiosos reconhecem

27) Cf. WILCOX, Melissa M. Gender Roles, Sexuality, and Children in Millennial Movements. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford Handbook of Millennialism*. Oxford: OUP, 2016, p. 177-186; HUNT, Stephen. *Christian Millenarianism: from the Early Church to Waco*. London: Hurst, 2001, p. 226.

28) PIO XI. Carta encíclica *Divinis redemptoris*, n. 58; *Catecismo da Igreja Católica*, n. 676.

29) BERLIN, A.M.; OVERMAN, J.A. *The First Jewish Revolt: Archaeology, History and Ideology*. London: Taylor & Francis, 2003, p. 165; OEGEMA, Gerbern S. *The Anointed and his People: Messianic Expectations from the Maccabees to Bar Kochba*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, p. 229.

30) Cf. MARCUS, Joel. Mark 14:61: “Are You the Messiah-Son-of-God?”. *Novum Testamentum*, v. 31, 2, 1989, p. 127; HORSLEY, Richard A. Popular Messianic Movements around the Time of Jesus. *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 46, 3, 1984, p. 491-492.

31) Cf. SHAROT, Stephen. Jewish Millenarianism: A Comparison of Medieval Communities. *Comparative Studies in Society and History*, v. 22, 3, 1980, p. 394.

antecedentes do (neo)Pentecostalismo neste grupo também denominado de “Nova Profecia”.³²

Do ponto de vista comportamental, os estudos atestam que os aderentes da heresia possuíam peculiares hábitos ascéticos, como a abstenção de todo e qualquer suco de frutas e do hábito de tomar banho.³³

Ademais, Montano reivindicou que suas profecias provinham diretamente do Paráclito. Assim, proclamava em primeira pessoa como se fosse o próprio Deus. Aos olhos dos montanistas, a segunda vinda (a *Parousia*) viria na cidade frígia de Pepuza, reputada como uma “Nova Jerusalém” (Ap 21—22).³⁴ Na esteira de seu despautério, revelou que Cristo teria assumido a forma de mulher, num vestido brilhante, e teria revelado que Jerusalém descenderia diretamente dos céus.³⁵ Durante a vigência da seita, houve ainda relatos de transe, convulsões e histeria em massa.³⁶

Recorde-se, por fim, que até Tertuliano, um dos maiores teólogos de seu tempo, deixou-se enganar por algumas doutrinas do Montanismo (isso é comprovado, aliás, através de cerca de 20 frases equivalentes).³⁷ Mais tarde, a facção foi condenada por diversos sínodos, e São Gregório Magno, em sua carta *Quia caritati nihil*, classificou Montano como homem depravado, além de atestar a invalidez do batismo da seita.³⁸

32) Cf. e.g. KIM, Lucien J. Is Montanism a Heretical Sect or Pentecostal Antecedent? *Asian Journal of Pentecostal Studies*, v. 12, 2009, p. 124.

33) Cf. FORD, J. Massingberd. Was Montanism a Jewish-Christian Heresy? *The Journal of Ecclesiastical History*, v. 17, 2, 2011, p. 149.

34) Cf. NARDI, Carlo. *Il millenarismo: testi dei secoli I-II*. Fiesole: Nardini, 1995, p. 204.

35) Cf. HEINE, Ronald Eugene. *The Montanist Oracles and Testimonia*. Macon (Ga.): Mercer Univ. Press, 1989, p. 4-5.

36) Cf. LE SAINT, W. Montanism. In: CARSON, Thomas; CERRITO, Joann (ed.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Thomson/Gale, 2003, v. 9, p. 828; COHN, Norman Rufus Colin. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Messianism in Medieval and Reformation Europe and Its Bearing on Modern Totalitarian Movements*. New York: The Academy Library, 1969, p. 252-280.

37) LE SAINT, W. Montanism. In: CARSON, Thomas; CERRITO, Joann (ed.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Thomson/Gale, 2003, v. 9, p. 828; Cf. COURT, John M. *Approaching the Apocalypse: a Short History of Christian Millenarianism*. London: I. B. Tauris, 2008, p. 4; KUEHNER, R.; DOLAN, J. P. Millenarism. In: CARSON, Thomas; CERRITO, Joann (ed.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Thomson/Gale, 2003, v. 9, p. 636.

38) DH 478.

2.3. Tanchelm de Antuérpia e Budo de Stella

Outra versão de messianismo de índole milenarista foi o proposto pelo monge Tanchelm (†1115) na Antuérpia. Anunciava nada menos que ele seria Deus no mesmo grau que Cristo o era. Ou ainda, segundo outras fontes, teria atestado que era o próprio Espírito Santo e que teria se casado com a Virgem Maria através de uma imagem. Com essas alegações, conclamava o povo a custear o blasfemo “casamento”.

Além disso, outras fontes não confirmadas narram que Tanchelm teria aprovado a fornicação, bem como todo tipo de depravação moral. Num ambiente de anticlericalismo, repeliu obediência à hierarquia eclesiástica e renegou todos os sacramentos e a veneração de imagens. A verdadeira igreja, em sua ótica, não seria necessariamente a Católica. Proferiu graves blasfêmias, cheias de virulência, que perduraram em seus círculos mesmo após a sua morte.³⁹ Graças a São Norberto de Xantem, fundador dos premonstratenses, a heresia foi erradicada.⁴⁰

Nesta mesma época, Budo de Stella atraiu grande número de camponeses afirmando que ele mesmo seria o Filho de Deus e que a própria Igreja em si seria o Anticristo.⁴¹

2.4. Joaquim de Fiore

Relata-se que o abade calabrês Joaquim de Fiore (1145-1202) recebeu uma inspiração entre 1190 e 1195, de desvendar os segredos mais arcanos da Escritura, muito além de qualquer interpretação alegórica (a qual, como se sabe, sempre gozou da estima dos exegetas). Estava convencido que tinha encontrado a chave da hermenêutica bíblica, com a qual aplicaria determinado método, em particular para o livro do Apocalipse, e assim desvendaria também a interpretação teológica da história, com detalhes inclusive para o mundo futuro.

39) Cf. RUSSELL, Jeffrey Burton. *Dissent and Reform in the Early Middle Ages*. Berkeley: UCP, 1965, p. 56-68; MOORE, R. I. *The Birth of Popular Heresy*. Toronto: University of Toronto Press in association with the Medieval Academy of America, 1995, p. 31-32; OTT, John S. *Bishops, Authority and Community in Northwestern Europe, c.1050-1150*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 90.

40) Cf. ANON. Saint Norbert et Tanchelin. *Analecta Bollandiana*, v. 12, 1893, p. 441-446.

41) Cf. KUEHNER, R.; DOLAN, J. P. Millenarism. In: CARSON, Thomas; CERRITO, Joann (ed.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Thomson/Gale, 2003, v. 9, p. 636.

É famosa a sua tríplice divisão de eras para as três Pessoas da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Esta última começaria no ano de 1260. Certos autores ressaltam que ele não visava ser propriamente heterodoxo. Ademais, foi encorajado por três papas a escrever suas revelações e foi adotado por vários teólogos das ordens mendicantes, sobretudo franciscanos.

Por outro lado, foi condenado pelo IV Concílio de Latrão por doutrina alheia a seu suposto milenarismo, isto é, no tocante à sua teoria sobre a Santíssima Trindade, segundo a qual haveria uma espécie de “quaternidade”, ou seja, uma essência comum, sem qualquer tipo de processão ou engendramento. Assim, não haveria Trindade *vera et propria*, mas *quasi collectiva et similitudinaria*.⁴²

2.5. Konrad Schmid

Na área europeia de língua alemã, desde os albores do século XV até o seu término, generalizaram-se predições que prometiam a vinda de terríveis e surpreendentes eventos.⁴³ Na Turíngia, o leigo anticlerical Konrad Schmid (†1368), com especial predileção pelos pobres do tempo da peste negra,⁴⁴ se autoproclamou rei e apregoou a autoflagelação como preparação para a iminente nova era, na qual teria ele papel preeminente. Com efeito, segundo sua interpretação, as profecias de Isaías sobre a vinda de Cristo na realidade se refeririam a ele.

Esse heresiarca milenarista, de fortes traços messiânicos, estava intimamente ligado com os heréticos Irmãos do Livre Espírito, os quais se consideravam unidos ao Espírito Santo de modo intrínseco. Em certos casos, possuíam inclusive uma percepção imediata de Deus através de experiências de êxtase.

Ademais, suas doutrinas estavam imbuídas de gnosticismo e anarquismo, além de apresentarem tendências panteísticas: todas as criaturas se identificariam com o Criador; o homem seria capaz de se tornar Deus e, assim, incapaz de pecar. Com essa premissa, desprezavam normas morais, pois para o “homem perfeito” tudo seria permitido. Uma das consequências mais graves

42) DH 803.

43) Cf. MITRE FERNÁNDEZ, Emilio; GRANDA, Cristina. *Las grandes herejías de la Europa cristiana, 380-1520*. Madrid: ISTMO, 1983, p. 198.

44) WAINWRIGHT, Arthur William. *Mysterious Apocalypse: Interpreting the Book of Revelation*. Eugene, Or: Wipf and Stock, 2001, p. 103.

dessas posições heterodoxas foi a adoção de uma debandada promiscuidade entre seus membros.⁴⁵ A heresia foi posteriormente condenada por Bonifácio VIII por diversas razões.⁴⁶

2.6. Beguinários

O movimento de Schmid foi continuado pelos beguinários (condenados pelo Concílio de Viena – 1311-1312).⁴⁷ A sua teoria era paralela à de matriz neoplatônica proposta por Amaury de Bène, teólogo da Universidade de Paris no século XIII, que se autoproclamou Cristo reencarnado. Sua missão era pregar o “milênio” futuro, no qual toda a humanidade reconheceria os amaurianos como intrinsecamente unidos ao Paráclito. Sua doutrina estava também permeada de elementos panteístas. Foi condenado depois pelo IV Concílio de Latrão (1215), pelo Concílio de Sens (1225) e pela própria universidade parisiense.

Além disso, muitos deles estavam mancomunados com a heresia do Livre Espírito, eram gnósticos e adeptos do anarquismo quase místico. Defendiam a emancipação total — alguns sugerem que foram precursores de Nietzsche pelas doutrinas semelhantes ao “super-homem” — como “única doutrina social profundamente revolucionária que existia”.⁴⁸

2.7. Taboritas

Nasceu no começo do século XV, na Boêmia, uma radicalização dos hereges hussitas (do reformador Jan Hus [†1415]). Trata-se do mais importante e mais violento movimento milenarista da Idade Média tardia.⁴⁹ Muito alinhados com as ideias de Wycliffe (†1384), são chamados de taboritas, por se congregarem numa colina por eles denominada “Tabor”, em referência ao monte da transfiguração de Jesus (cf. Mt 17,1-13).

45) Cf. COHN, Norman Rufus Colin. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Messianism in Medieval and Reformation Europe and Its Bearing on Modern Totalitarian Movements*. New York: The Academy Library, 1969, p. 148-151.

46) DH 866.

47) DH 891-899.

48) COHN, Norman Rufus Colin. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1981, p. 124.

49) Cf. LANDES, Richard Allen. *Encyclopedia of Millennialism and Millennial Movements*. New York; London: Routledge, 2000, p. 460 (s.v. Millennialism in the Western World).

Proclamavam diversas mudanças na Igreja, entre as quais, mencionem-se: a redução dos sacramentos, a abolição da devoção aos santos, etc., além de uma vivência e expectativa meramente factual da segunda vinda de Cristo.

Martin Huska imprimiu uma dimensão cósmica nova na revolta, ao pregar a destruição próxima da sociedade corrupta e o extermínio dos considerados “impuros”.⁵⁰ Eram exortados a pegar em armas, pois a vinda do Anticristo estaria bastante próxima. Com isso, destruíram cidades inteiras e igrejas. Neles, a “espera por uma construção de uma ordem social nova e perfeita se conjuga organicamente com o impulso no agir revolucionário violento”.⁵¹

A *Parousia* (o retorno de Jesus Cristo) foi prognosticada para o ano de 1420. Em espírito socialista, redarguiam que tudo deveria ser partilhado (até mesmo os parceiros conjugais), e muitos se desfizeram de suas posses em favor da seita. Sua meta era alcançar um “Estado Natural anarco-comunista”, cujo clímax ocorreria no “milênio” porvindouro.⁵² Pelo igualitarismo, estabeleceu-se que os milhares de camponeses e artesãos deveriam vender seus bens para consignar o valor a certos cofres centrais comunais.⁵³ No plano moral professavam que naquela “nova idade de ouro [...] quem quer que detenha propriedades privadas comete pecado mortal”.⁵⁴ O fator de união do movimento se cifrava na utopia das massas como base de uma comunidade democrática (*Volksgemeinschaft*).⁵⁵ Na prática, viveram sob regime despótico, pré-figura das ditaduras contemporâneas.

Do ponto de vista da doutrina, pregavam que cada um poderia interpretar as Escrituras conforme bem entendesse (livre-exame), muito antes da difusão da Reforma Protestante. Muitos rejeitaram, ademais, diversas doutrinas pregadas pelo Catolicismo, por exemplo: a existência do Purgatório, bem como a necessidade da oração e da missa (promoviam apenas uma espécie de *ágape* fraterna), da confissão auricular e outros sacramentos, das indulgências, da

50) Cf. BARKUN, Michael. *Disaster and the Millennium*. New Haven: Yale University Library, 1974, p. 17.

51) TÖPFER, Bernhard. *Il regno futuro della libertà: lo sviluppo delle speranze millenaristiche nel medio-evo centrale*. Genova: Marietti, 1992, p. 380.

52) COHN, Norman Rufus Colin. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1981, p. 178-179.

53) *Ibid.*, p. 180.

54) *Ibid.*

55) KAGARLICKIJ, Boris. *From Empires to Imperialism: the State and the Rise of Bourgeois Civilisation*. London; New York: Routledge, 2014, p. 68.

veneração de relíquias ou de imagem de santos, taxando-os como superstições ou corrupções da Igreja.

Na esfera litúrgica, rejeitaram os paramentos para a celebração. O sacerdote deveria se dedicar antes de tudo para trabalhos manuais com o povo, dispensando qualquer distinção entre clérigos e leigos,⁵⁶ o que antecipava muitas ideias dos reformadores protestantes.

Do ponto de vista eclesial, o Papa seria para eles o próprio Anticristo e Praga, a nova Babilônia (que sofreria a destruição). Além da igualdade eclesiástica, pregavam a abolição de qualquer hierarquia no plano social, rejeitando, por exemplo, a existência da nobreza.⁵⁷

Interpretavam, ademais, que a era da lei escrita estaria abolida. O Novo Testamento, nessa concepção, perderia a validade, pois a lei divina seria doravante impressa diretamente no espírito de cada um. Nesse sentido, criaram até mesmo um novo Pai-Nosso: “Pai Nosso que estais em nós, iluminai-nos”.

De resto, sustentavam que a segunda vinda traria consigo um novo estado de inocência que os impossibilitaria de pecar — daí que alguns andavam despidos como Adão e Eva e chamados “adamitas”, uma facção ainda mais militante — e os eleitos jamais morreriam. A procriação seria “pura” (sem união carnal) e não haveria mais dores de parto. No porvir o Matrimônio seria desnecessário e as crianças nascidas de pais virtuosos estariam dispensadas do Batismo (ou de qualquer outro rito e sacramento), pois o Espírito Santo desceria diretamente no bebê no ventre materno. Dias santos seriam abolidos, pois a nova era (a sétima) seria santa em si mesma.⁵⁸ A esse respeito, elucida Delumeau em sua obra clássica sobre o assunto:

[Para os taboritas], a Igreja militante será gratificada com maiores dons que a primeira morada, isto é, a Igreja primitiva [...], o sol da razão humana não iluminará os homens: isto significa que ninguém ensinará seu próximo, mas que todos serão ensinados por Deus. Na Igreja militante [em seu reino]

56) Cf. LEFF, Gordon. *Heresy in the Later Middle Ages: The Relation of Heterodoxy to Dissent c. 1250-c. 1450*. Manchester: Manchester Univ. Press, 1999, p. 690.

57) Cf. COHN, Norman Rufus Colin. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1981, p. 184.

58) WERNER, Ernst. Popular Ideologies in Late Mediaeval Europe: Taborite Chiliasm and its Antecedents. *Comparative Studies in Society and History*, v. 2, 3, 2009, p. 344-363; COHN, Norman Rufus Colin. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Messianism in Medieval and Reformation Europe and Its Bearing on Modern Totalitarian Movements*. New York: The Academy Library, 1969, p. 210; FRAZIER, T. L. *A Second Look at the Second Coming: Sorting through Speculations*. Ben Lomond, CA: Conciliar, 1999, p. 60-62.

cessará toda lei divina escrita. Cessarão também as Escrituras da Bíblia. A lei de Cristo será escrita no coração de cada um, e não haverá mais necessidade de alguém que a ensine.⁵⁹

Uma vez que esta segunda vinda de Cristo não ocorreu como previsto (entre 10 e 14 de fevereiro de 1420), os taboritas romperam com a Igreja Católica, ordenando bispos e padres sem a devida aprovação eclesiástica. Esse fato consolidou ainda mais as suas convicções milenaristas.

Em 1421, cerca de 400 membros do clã foram expulsos do Tabor, onde se concentravam. Vagavam nus pelas vias, cantando e dançando, reivindicando possuírem o estado de Adão antes da queda. A castidade para eles seria um pecado e aparentemente passavam boa parte de seu tempo em orgias lascivas. Também foram acusados de outros crimes como roubos, furtos ou assassinatos.⁶⁰

2.8. *Hans Böhm*

O pregador leigo Hans Böhm (†1476) postulou que a Virgem Maria lhe havia anunciado que Niklashausen, na Alemanha, seria a “Cidade da nova salvação” e que a Divina Providência tinha favorecido esta localidade com seu beneplácito, superando todas as demais. Somente naquele local os homens poderiam encontrar a graça divina, enfatizando que fora de seu grupo haveria apenas corrupção. Todos os povos deveriam vir em peregrinação à cidade, caso contrário cairia castigo do céu. Quem se dirigisse para lá receberia *ipso facto* a absolvição dos pecados e quem lá morresse subiria imediatamente para o Céu.

Böhm chegou a pregar que ele teria o poder de libertar qualquer pessoa do inferno. Na esteira do chamado “milenarismo igualitário”⁶¹ — ou o nome coletivo de *Bundschuh*, equivalente ao grupo *sans-culottes* da Revolução Francesa —, a seita ainda exortava a seus adeptos a não pagar impostos ou dízimos. O reino futuro prognosticado pelo milenarista alemão seria uma espécie de socialismo religioso, no qual o uso da água, dos alimentos, da caça

59) DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 105 apud LOPES, Edson Pereira. O milenarismo dos taboritas na Boêmia do século XV e sua influência no pensamento de João Amós Comenius. *Ciências da Religião - História e Sociedade*, v. 5, 2, 2007, p. 47.

60) Cf. *ibid.*, p. 48.

61) FOURQUIN, Guy. *The Anatomy of Popular Rebellion in the Middle Ages*. Amsterdam: North-Holland, 1979, p. 99.

e dos peixes etc. seria compartilhado equitativamente por todos. Mais uma vez, encontra-se aqui uma pré-figura do comunismo contemporâneo.

Alardeando o igualitarismo social, defendiam a abolição da hierarquia e dos títulos de nobreza, bem como da propriedade privada ou qualquer tipo de privilégio. Assim, todos viveriam como irmãos. O milenarismo de Böhm encontrou grande eco entre os pobres camponeses da região.⁶² Mais tarde, foi condenado à morte por heresia e por subversão da população.

2.9. Melchior Hoffmann e Bernt Rothmann

Ressuscitando ideias revolucionárias dos séculos passados na Alemanha, o anabaptista Melchior Hoffmann e o jovem luterano Bernt Rothmann congregaram inúmeros fiéis na próspera cidade de Münster, permeada pelo Luternismo.⁶³ Hoffmann prognosticava o surgimento de nova era para exatamente 15 séculos após a crucifixão, isto é, em 1533. Münster tornar-se-ia então a Nova Jerusalém (totalmente purificada) e o único lugar preservado da destruição catastrófica que ocorreria na Páscoa do ano seguinte. Rothmann condenou o batismo infantil e apregou a comunhão de propriedades e o pauperismo. Mais tarde, a poligamia foi autorizada e largamente aplicada na cidade.

2.10. Thomas Müntzer

Durante a Reforma, o milenarismo alcançou novas configurações após a Guerra dos Camponeses (1525), na Alemanha, e do próprio movimento anabaptista. Nova insurreição foi liderada por Thomas Müntzer, nascido perto de Niklashausen, através da insurreição revolucionária dos pobres e a pregação de índole apocalíptica. Um dos meios utilizados para alcançar seus objetivos foi destruir os bens eclesiásticos e seculares.

Baseando-se numa interpretação literal do Apocalipse, defendia que as pessoas destinadas a viver no reino quiliasta, os eleitos, seriam os pobres (materialmente e espiritualmente), pois, em sua visão, somente estes não

62) Cf. COHN, Norman Rufus Colin. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Messianism in Medieval and Reformation Europe and Its Bearing on Modern Totalitarian Movements*. New York: The Academy Library, 1969, p. 227-231; KUEHNER, R.; DOLAN, J. P. Millenarism. In: CARSON, Thomas; CERRITO, Joann (ed.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Thomson/Gale, 2003, v. 9, p. 637.

63) Cf. GRIBBEN, Crawford. *Evangelical Millennialism in the Trans-Atlantic World, 1500-2000*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010, p. 20.

teriam sido corrompidos pela ganância ou pelo dinheiro.⁶⁴ Os eleitos receberiam o Espírito Santo ou, conforme a sua expressão, “o Cristo vivo”, nascido em cada alma individualmente, e da mesma forma possuiriam o poder redentor. Müntzer chega a explicitar a necessidade de cada um “se tornar deus” e assim estar preparado para os eventos escatológicos, inspirando-se certamente no ideário taborita.

Sua visão é reconhecidamente “comunista”. De fato, inspirou, por sua utopia igualitária, a Marx e Engels, tornando-se símbolo para os marxistas, como reconhecido herói da “luta de classes”.⁶⁵ No reino por ele prognosticado não haveria qualquer distinção entre os indivíduos. Tudo seria posto em comum e os príncipes seriam inabilitados de entrar no reino futuro, porque eles “gastaram suas vidas em comer e beber de modo bestial” (na realidade, essa reprimenda se dirigia a todos os poderosos).⁶⁶ Comenta ainda Delumeau:

Müntzer foi ambíguo em suas profecias e anunciou mais a punição dos pecadores que o futuro radioso que viria depois. Seu milenarismo foi mais subentendido que claramente expresso. No entanto, ele parece ter lutado por uma regeneração da Igreja, graças à igualdade social que permitiria desde já a cristianização completa do mundo, a qual provavelmente constituiu seu principal horizonte escatológico. Mas não lhe parecia possível atingi-la senão por meio de uma ação violenta que destruísse todos os obstáculos postos pelos ricos e os poderosos à difusão do Evangelho. Em todo caso, simplificando e mesmo deformando a inspiração central do ex-monge, os revolucionários das épocas seguintes tirarão de seus escritos sobretudo um apelo ao nivelamento social e a esperança muito concreta de um paraíso na terra.⁶⁷

64) Cf. SCOTT, Tom. *Thomas Münzer: Theology and Revolution in the German Reformation*. London: Palgrave Macmillan, 2014, p. 102.

65) COHN, Norman Rufus Colin. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1981, p. 206; FRIESEN, Abraham. Thomas Müntzer in Marxist Thought. *Church History*, v. 34, 3, 1965, p. 306-327

66) COHN, Norman Rufus Colin. *The Pursuit of the Millennium: Revolutionary Messianism in Medieval and Reformation Europe and Its Bearing on Modern Totalitarian Movements*. New York: The Academy Library, 1969, p. 234-251.

67) DELUMEAU, Jean. *Mil anos de felicidade: uma história do paraíso*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997, p. 128.

Thomas Müntzer morreu decapitado em 1525. Tornou-se símbolo nacional e internacional, como precursor de diversas revoluções, como a ocorrida na França mais de dois séculos depois.⁶⁸

2.11. Jan Matthys e Jan Bockelson

Convém ainda recordar dois importantes quiliastas revolucionários do século XVI: Jan Matthys (†1534) e Jan Bockelson (†1537). Através da sublevação provocada por eles em Münster, depois da pregação de Hoffmann e Rothmann, houve grande convulsão na cidade, com queima de livros e materiais artísticos da Catedral em praça pública, como símbolo de rompimento com a tradição. Todos que se negassem a ser rebatizados seriam condenados à pena capital (em geral, católicos ou luteranos).

Este movimento também poderia ser inserido na vertente “milenarista igualitária”, cujo dogma principal seria a abolição da propriedade privada. De fato, para os “profetas” dessa nova seita todos os bens deveriam ser comunitários (alguns anabaptistas chegaram a enterrar tesouros para fugir dessa exigência). Por corolário, defendia-se o confisco geral dos bens, ou seja, o “meu” e o “teu” deveriam simplesmente desaparecer.⁶⁹ Em seu radicalismo, pregavam que todos os livros deveriam ser erradicados, exceto a Bíblia.

A poligamia foi estabelecida na região (Matthys teve 16 esposas e assassinou uma delas), todas as mulheres seriam obrigadas a se casar e a união com um não anabaptista seria considerada fornicação e, segundo as suas regras, passível de execução sumária. Na realidade, as regras de moral conjugal poderiam variar desde o mais estrito puritanismo até a total promiscuidade.

Matthys se autoproclamou o novo Enoc, e Bockelson, o “messias dos últimos dias”, considerando-se este, ao mesmo tempo, rei universal de um regime teocrático da terceira era — sob inspiração joaquimita —, que estaria por ser instaurado. O novo líder empreendeu as mais variadas formas de autopromoção: as ruas, entradas da cidade e os dias da semana foram renomeados; os dias de guarda e domingos, abolidos; e até os nomes dos neonatos deveriam ser escolhidos por ele.

Um novo símbolo foi criado e utilizado por ele e seus sequazes: isto é, um globo perfurado por duas espadas, representando o poder do papa e do impe-

68) Cf. GRITSCH, Eric W. *Thomas Müntzer: A Tragedy of Errors*. Minneapolis: Fortress, 2006, p. 129.

69) COHN, Norman Rufus Colin. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1981, p. 217.

rador concentrados nele. A pompa e o luxo só a ele eram permitidos, pois somente ele estaria “morto” para o mundo e para a carne. Oprimia, por outro lado, seus seguidores, os quais deveriam viver na mais estrita austeridade.⁷⁰ Chegou a legislar a poligamia, criando inclusive haréns, desvirtuando o mandamento do Gênesis de “crescer e se multiplicar”. Seguindo supostamente as biografias de Davi e Salomão, propôs ainda a facilitação do divórcio. Com razão, é considerado um precursor do hoje denominado “amor livre”.⁷¹

O movimento teve continuidade com Jan Willemsen (1567) e 300 anabatistas radicais; desta vez a Nova Jerusalém (também de inspiração comunista) seria Westphalia. Praticavam muitos dos ritos originários de seus mestres, como a poligamia (Willemsen chegou a ter 21 esposas).⁷²

Após considerar diversos movimentos e mentores milenaristas no âmbito cristão, convém agora abordar as facções que sustentam essa ideologia no século XX, conforme a divisão proposta no início do trabalho.

3. Milenarismo no século XX

3.1. Movimentos totalitários: comunismo e nazismo

Feitas essas considerações, será evidenciado a seguir como diversas tendências posteriormente propagadas por nazistas ou por comunistas remontam a movimentos milenaristas medievais.⁷³ O novo tipo de milenarismo do século XX, ou messianismo secularizado, foi caracterizado como “intrinsecamente perverso”, conforme a supramencionada expressão de Pio XI.⁷⁴ Com efeito, o movimento bolchevique soviético e o nacional-socialismo alemão,

70) Cf. BARKUN, Michael. *Millennialism and Violence*. London: Cass, 1996, p. 72.

71) Cf. FRAZIER, T. L. *A Second Look at the Second Coming: Sorting through Speculations*. Ben Lomond, CA: Conciliar, 1999, p. 64-65.

72) Cf. GRIBBEN, Crawford. *Evangelical Millennialism in the Trans-Atlantic World, 1500-2000*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2010, p. 20-21.

73) Cf. REDLES, David. National Socialist Millennialism. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford Handbook of Millennialism*. Oxford: OUP, 2016, p. 529.

74) Cf. nota supra n. 20.

ambos de matriz totalitária, podem ser considerados como uma espécie de “milenarismo da era moderna”.⁷⁵

Comprova-se por inúmeros estudos acadêmicos a existência de tendências milenaristas nos antepassados do comunismo, como nos taboritas, anabatistas e, em particular, em Thomas Müntzer.⁷⁶

No tocante ao nazismo, é também atestada a presença de fortes ligações com o período romântico quanto à devoção aos mitos nacionalistas. O paraíso seria consumado nesta terra, com Hitler personificando o *Führerprinzip* (o princípio do Führer) quase como um novo profeta ou messias. De fato, o ditador se autoidentificou com símbolos messiânicos (leia-se tirânicos), através da elaboração de histórias de matriz mítica ou religiosa, promovendo uma espécie de renascimento teutônico.⁷⁷ À maneira dos movimentos milenaristas medievais, propagandeava também uma espécie de imortalidade nacional para o povo germânico e o pangermanismo, ao estimular a sensação inebriante de que tudo seria possível e nada proibido no reino por eles governado após a completa dominação universal.⁷⁸

Dentro do nacional-socialismo se interpretava, ademais, que o Período Weimar estava embebido por uma cultura apocalíptica, com suas inerentes promessas de “redenção” para o povo. O Terceiro Reich corresponderia à terceira era de Joaquim de Fiore (ou, conforme outras versões, seguiria teorias do Idealismo alemão). Ora, os alemães teriam inapelável papel em resguardar esta salvação, pois o próprio destino lhes confiava essa missão.⁷⁹ Assim, sob o pálio desta nova “redenção”, seria preciso uma espécie de secularização do religioso e de espiritualização da política, por meio da qual despontaria uma “nova era”, que extirparia as impurezas do mundo, inclusive por intermédio de métodos de extermínio em massa. Em outras palavras, com a extirpação de indivíduos indesejáveis seria então possível o estabelecimento de uma

75) FERREIRA, Fernanda de Assis. A religiosidade no totalitarismo e na filosofia da história marxista. *Intuitio*, v. 8, 1, p. 300.

76) LANDES, Richard Allen. *Encyclopedia of Millennialism and Millennial Movements*. New York; London: Routledge, 2000, p. 178; BROWN, Archie. Communism. In: FREEDEN, Michael; SARGENT, Lyman Tower; STEARS, Marc (ed.). *The Oxford Handbook of Political Ideologies*. Oxford: OUP, 2015, v. 364-384, p. 364.

77) Cf. REDLES, David. National Socialist Millennialism. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford Handbook of Millennialism*. Oxford: OUP, 2016, p. 535-538.

78) Cf. NIELSEN, Niels Peter. *L'universo mentale "nazista"*. Milano: Angeli, 2004, p. 67.

79) Cf. REDLES, David. National Socialist Millennialism. In: WESSINGER, Catherine. *The Oxford Handbook of Millennialism*. Oxford: OUP, 2016, p. 529-531.

nova civilização. Tratava-se, pois, do que se denominou “milenarismo progressivo revolucionário”.⁸⁰ Efetivamente, em 1934, Adolf Hitler declarou em Nuremberg que o Terceiro Reich duraria literalmente “mil anos”. Contudo, sua trajetória se limitou a apenas uma dúzia de anos,⁸¹ sendo atropelado pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, suicidando-se covardemente.

Também o comunismo do século XX, cujas ideias mestras são traçadas pela obra de Karl Marx, contém algumas noções teológicas fundamentais de viés milenarista. Para além do jargão “a religião é o ópio do povo”, o ideólogo alemão traspôs sua visão religiosa para a política, ao ponto de o marxismo ser transformado numa espécie de religião: “Fundamentalmente ateus, assim o comunismo como o fascismo organizaram seus objetivos políticos em discursos de suposta emancipação, agindo como religiões políticas destinadas a livrar o indivíduo das imposições da moralidade e legalidade tradicionais”.⁸²

Isso pode ser evidenciado por sua perspectiva soteriológica, segundo a qual o proletariado seria, nas palavras do jovem Marx, “a classe messiânica da história”.⁸³ Ou seja, existe aqui uma clara vertente milenarista naquilo que as próprias fontes marxistas chamam de “vitória do proletariado”.⁸⁴ Não é por menos que o ideólogo alemão cita o revolucionário quiliasta Thomas Müntzer, como justificação das suas ideias igualitárias.⁸⁵

A sublevação popular teria o papel redentor numa sociedade sem classes, ao transpor no imaginário uma época futura de paz e prosperidade.⁸⁶ Conforme atesta Peter Clarke, o marxismo seria um típico exemplo de “milenarismo secular”, por suscitar a promessa terrena de um reino de liberdade, conquistado pela revolução. Nesse sentido, vale recordar que, para Marx, “só a revolu-

80) *Ibid.*, p. 531.

81) Cf. ELLWOOD, Robert. Nazism as a Millennialist Movement. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *Millennialism, Persecution, and Violence: Historical Cases*. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press, 2000, p. 241-260.

82) Cf. TISMANEANU, Vladimir. *O diabo na história: comunismo, fascismo e algumas lições do século XX*. Campinas: Vide, 2017, p. 22.

83) *Ibid.*, p. 149.

84) BYRNE, David T. The Victory of the Proletariat is Inevitable: The Millenarian Nature of Marxism. *Kritike*, v. 5, 2, 2011, p. 60.

85) Cf. FOSTER, John Bellamy; BURKETT, Paul. *Marx and the Earth: an Anti-Critique*. Leiden; Boston: Brill, 2016, p. 7.

86) Cf. FERNÁNDEZ, María Victoria. El milenarismo y su relación con la política: una perspectiva desde la Antropología Política. *Revista Chilena de Antropología*, 7, 1988, p. 40.

ção salva”.⁸⁷ Não custa lembrar, por fim, que essas ideias influenciaram direta ou indiretamente diversos autocratas comunistas no século XX.

Embora do ponto de vista teórico-religioso se negue a figura de um messias ou de um redentor, é inegável que Lênin, Stalin e o próprio Marx o representam na prática, como “líderes carismáticos”.⁸⁸ Esse conceito também se traduzia na ideia de que os russos seriam o “povo escolhido”, e que Moscou seria convertida numa “terceira Roma” (nos moldes da “nova Jerusalém”) com o processo de “russificação” para uma nova era.⁸⁹

Assim, “Lênin criou uma mística do partido como repositório último da sabedoria estratégica, uma ‘comunidade de santos’, dedicada a produzir o milênio cataclísmico”, como característica fundamental da “sacralização da política”.⁹⁰ Nesse sentido, o “leninismo foi uma forma de messianismo moderno intolerante” cuja receita de produção era a “redenção milenarista do *Manifesto Comunista*”,⁹¹ de Marx. Nas palavras de Aron: “O marxismo é uma heresia cristã. Como forma moderna de milenarismo, estabelece o reino de Deus na terra, seguido de uma revolução apocalíptica na qual o Velho Mundo será engolido totalmente”.⁹²

Já no plano da filosofia da história existiria, aos olhos de Marx, uma constante luta de classes que guiaria o mundo para uma assintótica perfeição. A implantação do comunismo seria o utópico retorno ao estado inicial do homem (um novo adamismo), pela mitologização do “homem novo”. Nessa conflagração, viver-se-ia num “paraíso”, ao eliminar toda e qualquer distinção de classe, no mesmo modelo pauperístico dos movimentos milenaristas medievais. Essa conquista ocorreria, entretanto, sem qualquer intervenção divina. Antes, o próprio homem “divinizado”, esse novo tipo humano, passa-

87) CLARKE, Peter. The Origins, Scope, and Spread of the Millenarian idea. In: LIEB, Michael; MASON, Emma; ROBERTS, Jonathan (ed.). *The Oxford Handbook of the Reception History of the Bible*. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 248.

88) Cf. *ibid.*

89) Cf. DUNCAN, Peter J.S. *Russian Messianism: Third Rome, Revolution, Communism and After*. London; New York: Taylor & Francis, 2002, p. 141-143.

90) TISMANEANU, Vladimir. *O diabo na história: comunismo, fascismo e algumas lições do século XX*. Campinas: Vide, 2017, p. 190-191.

91) *Ibid.*, p. 191.

92) ARON, Raymond. *The Dawn of Universal History: Selected Essays from a Witness of the Twentieth Century*. New York: Basic Books, 2002, p. 203: “Marxism is a Christian heresy. As a modern form of millenarianism, it places the kingdom of God on earth following an apocalyptic revolution in which the Old World will be swallowed up”.

ria a orquestrar os eventos históricos. Por essa nova “redenção”, ele se tornaria o próprio “criador” da história, superando a resistência da natureza.⁹³

Consoante ao exposto, comenta ainda Tismaneanu: “O leninismo como o fascismo identificaram-se com a revolução como um momento irreversível de rompimento com o passado e de criação de um mundo totalmente novo. Neste sentido são mutações cósmicas de estrutura simbólica”.⁹⁴

Isso considerado, o milenarismo está na própria raiz utópica da filosofia de Marx:

O destino do marxismo foi, na verdade, pretender estar no controle do destino da humanidade, personificando, numa maneira simultaneamente trágica e otimista, a solução das milenares agonias, medos e terrores da humanidade. Nunca foi tão ambiciosa uma doutrina política, nunca um projeto revolucionário foi tão imbuído de um sentimento de missão profética e predestinação carismática heroica.⁹⁵

Essa abordagem pode ser comprovada por uma leitura atenta do *Manifesto Comunista*, onde se explicita a interpretação apocalíptica da revolução, cujo progresso é inevitável e cujo sucesso estaria garantido precisamente por suas posições milenaristas.

Contudo, o destino do comunismo e do nazi-fascismo foi bem diverso do que pretendiam as suas ânsias quiliastas:

Dezenas de milhões de mortos, a memória das cercas de arame farpado e das câmaras de gás, assim como um sentimento de tragédia insuportável são os principais legados deixados pelas promessas ideológicas temerárias do século XX de construir a Cidade de Deus, aqui e agora.⁹⁶

93) BYRNE, David T. The Victory of the Proletariat is Inevitable: The Millenarian Nature of Marxism. *Kritike*, v. 5, 2, 2011, p. 66; LAMB, David. Hegelian-Marxist Millenarianism. *History of European Ideas*, v. 8, 3, 1987, p. 280-281.

94) TISMANEANU, Vladimir. *O diabo na história: comunismo, fascismo e algumas lições do século XX*. Campinas: Vide, 2017, p. 194.

95) *Ibid.*, p. 153.

96) *Ibid.*, p. 366.

3.2. Teologia da Libertação: milenarismo político-religioso no século XX

Conforme já enunciado, a Teologia da Libertação foi um dos poucos movimentos do século XX considerado como milenarista pelos pontífices recentes. Contém ela, no bojo, muitas das ideias supracitadas. Contudo, convém entrar a seguir nos pormenores, à luz dos ensinamentos magisteriais.

Em primeiro lugar, recorde-se a entrevista de Bento XVI para os repórteres presentes no voo da viagem apostólica para o Brasil (2007). Uma das questões referia-se precisamente à mencionada forma de teologia, tão penetrada nesse país: “Ainda há muitos representantes da Teologia da Libertação em várias regiões do Brasil. Qual é a mensagem específica a estes representantes da Teologia da Libertação?”

Eis a resposta do Sumo Pontífice:

Diria que com a transformação da situação política mudou também profundamente a situação da Teologia da Libertação, e agora é evidente que estes *milenarismos fáceis, que prometiam de maneira imediata, como consequência da revolução, as condições completas de uma vida justa, estavam equivocados*. Hoje todos sabem disto. Agora, a questão é como a Igreja deve estar presente na luta pelas reformas necessárias, na luta por condições de vida mais justas. Sobre isto, os teólogos estão divididos, em particular os representantes da teologia política. Nós, com a Instrução oportunamente emanada pela Congregação para a Doutrina da Fé, procurámos promover um trabalho de discernimento, isto é, *tentámos libertar-nos de falsos milenarismos, de uma mistura errada entre Igreja e política*; e procuramos mostrar a parte específica da missão da Igreja, que consiste precisamente em responder à sede de Deus e portanto também em educar para as virtudes pessoais e sociais, que constituem as condições necessárias para fazer amadurecer o sentido da legalidade.⁹⁷

A explicação do papa alemão vai de encontro ao imaginário proposto pelos movimentos autocratas acima mencionados, sobretudo no tocante à utopia de construir uma espécie de reino terreno com base na revolução política do pro-

97) BENTO XVI. *Entrevista concedida pelo Santo Padre aos jornalistas durante o voo para o Brasil*, 9 maio 2007 (grifo nosso).

letariado.⁹⁸ De modo colateral, abordando o milenarismo político *in genere*, explica ainda João Paulo II:

As seitas e os novos movimentos religiosos propõem hoje à Igreja um grande desafio pastoral tanto pelo mal-estar espiritual e social em que fundam suas raízes, como pelas instâncias religiosas das quais são instrumentos. Essas instâncias, tiradas do contexto da doutrina e da tradição católica, frequentemente são levadas a conclusões muito distantes das originárias. O *difundido milenarismo*, por exemplo, evoca as temáticas da escatologia cristã e os problemas relativos ao destino do homem; querer *dar respostas de caráter religioso a questões políticas ou econômicas revela a tendência a manipular o verdadeiro sentido de Deus*, chegando de fato a excluir Deus da vida dos homens.⁹⁹

Em verdade, um especialista no assunto sublinha essas teses ao confirmar que:

*Na América Latina, um tipo de apocaliptismo, ou outro, prosperou por longo tempo, oferecendo expectativas de libertação milagrosa inspirado em fontes anarquistas, cristãs e marxistas, mas que usava principalmente o que estava à mão: o imaginário sobre a morte e a regeneração, irrigando o solo com o sangue dos mártires antes que o milênio trouxesse o céu à terra. A Teologia da Libertação, que nasceu na década de 1960, reeditou todos esses temas para prometer a superação da história, ou pelo menos a transcendência, através da criação de uma nova humanidade.*¹⁰⁰

98) Nessa direção cabe recordar o decreto de censura ao comunismo emanado pela Congregação do Santo Ofício no dia 1^o de julho de 1949 (DH 3865): Perguntas: 1. É permitido aderir ao partido comunista ou favorecê-lo de alguma maneira? 2. É permitido publicar, divulgar ou ler livros, revistas, jornais ou tratados que sustentam a doutrina e ação dos comunistas ou escrever neles? 3. Fiéis cristãos que consciente e livremente fizerem o que está em 1 e 2, podem ser admitidos aos sacramentos? 4. Fiéis cristãos que professam a doutrina materialista e anticristã do comunismo, e sobretudo os que a defendem ou propagam, incorrem pelo próprio fato, como apóstatas da Fé Católica, na excomunhão reservada de modo especial à Sé Apostólica? Resp. (confirmada pelo Sumo Pontífice 30/06): Quanto a 1: Não; o comunismo é de fato materialista e anticristão; embora declarem, às vezes, em palavras que não atacam a religião, os comunistas demonstram de fato, quer pela doutrina, quer pelas ações, que são hostis a Deus, à verdadeira religião e à Igreja de Cristo. Quanto a 2: Não, pois são proibidos pelo próprio direito (cf. CIC, cân. 1.399). Quanto a 3: Não, segundo os princípios ordinários determinando a recusa dos sacramentos àqueles que não têm a disposição requerida. Quanto a 4: Sim.

99) JOÃO PAULO II. *Mensagem para a Jornada mundial do Emigrante*. Vaticano, 25 jul. 1990 (L'Osservatore Romano, 34, 1990, p. 1-2).

100) WEBER, Eugen. *Apocalypses: Prophecies, Cults, and Millennial Beliefs through the Ages*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1999, p. 210: "In Latin America, one kind of apocalypticism or another had thrived for a long time, offering expectations of miraculous deliverance that drew inspiration from Anarchist, Christian, and Marxist sources, but that mostly used what lay ready to hand: the imagery of death and regeneration irrigating the soil with the blood of martyrs before the millennium

Poder-se-ia objetar que atrelar a Teologia da Libertação ao milenarismo seria uma diatribe ou mesmo um juízo de valor proferido pelos referidos Pontífices. Contudo, é inegável que a teolibertação está intrinsecamente ligada ao marxismo nos contornos quiliastas supracitados. De resto, isso é testemunhado por seus próprios ideólogos:

Leonardo Boff: “Os membros das comunidades cristãs de base começaram a apropriar-se do marxismo para utilizá-lo como arma de autodefesa na luta para libertar-se do sistema capitalista”.

Valentina Andrónova: “Nos territórios libertados pelos guerrilheiros, as CEBs atuam como uma Igreja nova totalmente solidária com o povo em armas”.

Luiz Alberto Gómez de Souza: “Para a teologia da libertação não existe, atualmente, outra reflexão teórica melhor que o marxismo”.

Ernesto Cardenal (líder sandinista e atual Ministro da Cultura da Nicarágua): “Em um dos meus versos escrevi uma vez a seguinte linha: ‘comunismo e reino de Deus na terra significam a mesma coisa’. E com isto eu queria dizer que o comunismo e o Estado da ‘*sociedade final comunista*’ (...) que *esta futura sociedade comunista será, ela mesma, o ‘Reino de Deus na Terra’*”.

Frei Betto e Pe. Pablo Richard: “Tanto Pablo Richard como Frei Betto — um teólogo, outro agente de pastoral — afirmaram que o socialismo ‘é apenas uma etapa do Reino de Deus’”.¹⁰¹

Outro famoso defensor dos ideais da Teologia da Libertação, Dom Helder Câmara, pontificava que “há verdades a redescobrir e a valorizar no marxismo”.¹⁰² Ou ainda, chegou a interpelar: “Quem te condecorou em nome do Cristo foi Karl Marx, levado ao céu pela crítica ao capital. E a incompreensão face à fé? A culpa foi dos cristãos que encontrou em volta e lhe deram visão errada de Cristo e do cristianismo”.¹⁰³ Com efeito, a Congregação para a Doutrina da Fé, sob a regência do Cardeal Ratzinger, alertou em 1984 a evi-

brought heaven on earth. The theology of liberation that was born in the 1960s reedited all these themes to promise escape from history, or at least transcendence, through the creation of a new humanity”.

101) CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. A TFP denuncia. Moscou passa recibo. *Catolicismo*, n. 421, jan. 1986, p. 3-5.

102) COMBLIN, José; PINHEIRO, José; PUTRICK, Maria Bernarda. *Dom Helder: pastor e profeta*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 156.

103) PILLETI, Nelson; PRAXEDES, Walter. *Dom Helder Câmara: entre o poder e a profecia*. São Paulo: Ática, 1997, p. 409.

tar esse “amalgama pernicioso entre o *pobre* da Escritura e o *proletariado* de Marx”.¹⁰⁴

Ademais, é possível notar vários toques messiânicos na retórica do Arcebispo de Olinda e Recife, ao reconhecer “a evangelização dos pobres como uma das marcas de *autenticidade messiânica*”.¹⁰⁵ Com efeito, o messianismo é uma das marcas da Teologia da Libertação.¹⁰⁶ No plano prático, não entrando no mérito do acontecimento, para Enrique Dussel, Oscar Romero “foi assassinado como messias”, sendo uma “figura messiânica exemplar”.¹⁰⁷

Por outro lado, o teólogo da libertação Gustavo Gutiérrez procura se eximir do “messianismo político-religioso que não respeita suficientemente nem a autonomia do campo político, nem o que corresponde a uma fé autêntica, liberta de lastros religiosos”.¹⁰⁸ Entretanto, o dominicano peruano sustenta, à maneira dos movimentos milenaristas tardo-medievais: “lutas populares para a libertação”, através de “conflitos e enfrentamentos”.¹⁰⁹

Ora, em sua perspectiva, a história “deve ser lida a partir do pobre, os condenados da terra”,¹¹⁰ também nos moldes do pauperismo medieval. Assim, o descobrimento do pobre se “realiza na luta revolucionária que questiona a partir da raiz a ordem social existente e que postula a necessidade de um poder popular para a construção de uma sociedade deveras igualitária e livre. Uma sociedade na qual se elimine a propriedade privada dos meios de produção”.¹¹¹ O processo político deve romper, pois, com a “ordem social opressora e conduzir a uma sociedade sem classes”.¹¹²

104) CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre alguns aspectos da teologia da libertação*, 6/8/1984, IX, 10.

105) CÂMARA, Helder. 110ª. circular – Recife, 5-6.12.64 apud CAMARA, Helder. *Dom Helder Camara - Circulares Interconcliares*. MARQUES, Luiz Carlos Luz, et al. (ed.). Recife: CEPE, 2009, v. 2. Muito de seu messianismo marxista é encontrado no livro *Revolução dentro da paz* (Rio de Janeiro: Sabiá, 1968).

106) Sobre isso cf. VÉLEZ, Ricardo Rodríguez. *Messianismo político e Teologia da Libertação*. *Comunio*, v. 2, 12, 1983, p. 31-61.

107) DUSSEL, Enrique. *A religião como crítica à opressão. A figura messiânica de Óscar A. Romero (1917-1980)*. Online: <<http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/542961-a-religiao-como-critica-a-opressao-a-figura-messianica-de-oscar-a-romero-1917-1980>>. Acesso em: 1/2/2018.

108) GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000, p. 302.

109) Idem. *La fuerza histórica de los pobres*. Lima: CEP, 1979, p. 13.

110) Ibid., p. 35.

111) Ibid., p. 65-66.

112) Ibid., p. 121.

Essas opiniões também encontram respaldo nas observações do sociólogo e filósofo marxista Michael Löwy, um dos maiores estudiosos da Teologia da Libertação. Sua tese versou sobre a Teoria da Revolução no Jovem Marx, em Sorbonne. Ressalte-se que escreveu diversas obras em parceria com outros teolibertários como Frei Betto e Leonardo Boff. Nas palavras deste último, Löwy “é um companheiro fiel de tantos que estão na caminhada, nos movimentos sociais como o dos sem-terra, nos partidos de esquerda e dos militantes das igrejas que optaram pela libertação das massas destituídas em nome de sua fé bíblica. Com todos esses, entretém uma afinidade eletiva que funda uma verdadeira comunidade de destino”.¹¹³

A seguir, colhemos algumas das palavras do próprio Löwy acerca da presente temática:

Na Teologia da Libertação vemos o surgimento de um pensamento religioso que usa *conceitos marxistas e que serve de inspiração para as lutas pela libertação social*.¹¹⁴

Ainda permanece, no entanto, aos olhos de Engels, uma diferença essencial entre os dois movimentos: os cristãos primitivos colocam a liberdade do mundo no além, enquanto que o *socialismo a coloca nesse mundo*.¹¹⁵

Engels não esconde sua admiração pelo profeta quiliasta alemão [Müntzer], cujas ideias ele descreve como “quase comunistas” e “revolucionárias religiosas”; a seu ver, essas ideias eram menos uma síntese de reivindicações plebeias da época que uma “antecipação brilhante” dos objetivos emancipatórios futuros do proletariado.¹¹⁶

Bloch não só produziu uma *leitura marxista do milenarismo* (segundo Engels) mas também, e isso foi algo novo, *uma interpretação milenária do marxismo, na qual a luta socialista pelo Reino da Liberdade é vista como herdeira direta das heresias escatológicas e coletivistas do passado*.¹¹⁷

O mesmo pensador marxista comenta ainda que: “um dos melhores exemplos do impacto social do Cristianismo da Libertação é o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra do Brasil (MST), um dos mais importantes movimen-

113) BOFF, Leonardo. A palavra de Leonardo Boff. In: LÖWY, Michael. *O que é o Cristianismo da Libertação: Religião e política na América Latina*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016, p. 25.

114) LÖWY, Michael. *O que é o Cristianismo da Libertação: Religião e política na América Latina*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2016, p. 34 (grifo nosso).

115) Friedrich Engels, “Contribution to a History of Primitive Christianity”, in: Marx e Engels, *On Religion*. Londres: Lawrence & Wishart, 1960, cap. 25, apud *ibid.*, p. 39.

116) *Ibid.*, p. 40.

117) *Ibid.*, p. 49.

tos sociais da América Latina”.¹¹⁸ Em seguida discorre, com imparcialidade, sobre esse movimento sindical de inspiração marxista, que encontra muitos paralelos nos movimentos milenaristas revolucionários medievais (por exemplo, os taboritas):

As revoltas camponesas de massa contra essa nova ordem vivida por eles [capitalismo, liberalismo econômico, sociedades tradicionais] como insuportavelmente injusta *tiveram com frequência uma forma milenarista*.¹¹⁹

*O milenarismo pode se converter em ponto de partida de um verdadeiro movimento social moderno, como no caso das Ligas Camponesas sicilianas de 1891-1894. Este movimento era milenarista na medida em que o socialismo pregado pelas ligas era, aos olhos dos camponeses sicilianos, uma nova religião, a verdadeira religião de Cristo — traída pelos padres aliados aos ricos — que anunciava o advento de um mundo novo, sem pobreza, fome e frio, segundo a vontade de Deus. As crenças e as imagens santas eram parte das manifestações e do movimento das Ligas Camponesas, que contavam com uma participação importante das mulheres e que se expandiu, entre 1891 e 1894, como uma epidemia (antes de serem esmagadas pela repressão): as massas camponesas estavam sublevadas pela crença messiânica de que a irrupção de um novo Reino de Justiça era iminente.*¹²⁰

O milenarismo da CPT [Comissão Pastoral da Terra] — mas também das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e do cristianismo de libertação de um modo geral — se traduz na *utopia sociorreligiosa do “Reino de Deus”* não como transcendência projetada em um outro mundo, mas como uma *sociedade nova aqui embaixo*, fundada no amor, na justiça e na liberdade.¹²¹

Essa mística laica, esse *milenarismo profano*, são apresentados nos rituais, nos textos, nos discursos e na formação política dos militantes dos movimentos. Eles representam um tipo de investimento da “energia crente” dos militantes na utopia revolucionária do MST.¹²²

Como se percebe, o “fácil” e “falso” milenarismo diagnosticado por Bento XVI está profundamente enraizado nas premissas da Teologia da Libertação, conforme a dogmática de seus próprios ideólogos. A promessa de um reino libertário, quimérico na igualdade, sacralizado no terreno, místico no mundano, na “profanização” mundial, enfim, tudo isso está no âmago da doutri-

118) Ibid., p. 225.

119) Ibid.

120) Ibid., p. 225-226.

121) Ibid., p. 227.

122) Ibid., p. 231 (grifo nosso).

na teolibertária. Enquanto Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, o Papa Emérito já apontara que em “muitas das teologias de hoje é o conceito de ‘libertação’, que parece ter substituído o tradicional conceito de ‘redenção’”.¹²³

Ora, o “milênio” visado pelos teólogos da libertação seria também conquistado por meio de revoluções, regadas pelo sangue de seus “mártires”. Os libertários governariam a história, destronando na prática a Deus e guiando toda a humanidade para o reino prometido.

Conforme atesta Ratzinger em obra pouco difundida sobre a Teologia da Libertação, para os seus ideólogos, a “práxis política da revolução social” se ordena em direção a uma doutrina de “redenção”.¹²⁴ Nesse sentido, não teme afirmar que “a crítica própria a essa ‘teologia’ [da libertação] é a sua irracionalidade filosófica (*philosophische Irrationalität*) que mobiliza as forças religiosas como justificação da utilização do irracional, e precisamente por causa disso — conforme assinalou Hannah Arendt — se torna totalitária”.¹²⁵ Trata-se de uma afirmação forte, mas sem dúvida condizente com suas raízes marxistas, nos moldes acima enunciados. Desta feita, conclui o teólogo alemão acerca do “marxismo teológico” em contraposição à doutrina católica: “As obras não justificam, isto é, a política não salva; e, se reclama para si tal prerrogativa, torna-se escravidão”.¹²⁶ Em suma, conforme a doutrina católica, somente em Cristo pode existir verdadeira liberdade, salvação e redenção.

Por isso, é lícito considerar que essa proposta de reino mundano travestido de santidade é fracassado *ab initio*, devido à simples deturpação da verdadeira escatologia, da esperança cristã e da autêntica ação de Deus na história, transformada num messianismo às avessas, sob o tacho do jugo totalitário do déspota. O simulacro de Cristianismo não pode senão confundir a mente dos fiéis, tornando-os massa de manobras de seus objetivos reconhecidamente espúrios.

Desnecessário atestar que este tipo de milenarismo já tem a sentença de morte garantida, porque a verdade não pode ser “feita”, sem antes ter sido autenticamente vivida. A história, conforme concebida pela Igreja, não tem

123) RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio. *A fé em crise? O cardeal Ratzinger se interroga*. São Paulo: E.P.U., 1985, p. 55.

124) Cf. RATZINGER, Joseph. *Politik und Erlösung zum Verhältnis von Glaube, Rationalität und Irrationalem in der sogenannten Theologie der Befreiung*. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 1986, p. 15.

125) *Ibid.*, p. 20.

126) *Ibid.*, p. 24.

como centro a luta de classes, mas sim a Jesus Cristo, que intervém nos acontecimentos de acordo com seus insondáveis desígnios.

3.3. *New Age: movimento essencialmente milenarista*

Conforme atesta *The New Catholic Encyclopedia*, o movimento *New Age* é um “fenômeno cultural variegado”, com muitas ramificações tais como: organizações de comida supostamente saudável, parapsicologia, reencarnação, astrologia, bruxaria, tarô, religiões orientais, cristais, meditação (e.g. yoga), medicina holística, terapias e técnicas para suscitar a consciência, teosofia, etc.¹²⁷

Há também frequentes ligações dos grupos *New Age* com cultos satânicos ou óvnis e ritualização mágica. Seu comportamento pende em geral para o amoralismo, a degradação e comercialização da piedade, bem como à redução da religião à mera psicologia.¹²⁸

Devido a seu imenso leque de doutrinas e práticas, a análise seguinte se limita ao que este movimento é relacionado com o Cristianismo e o milenarismo.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que o tema *New Age* está inserido nas raras vezes que os Pontífices recentes se pronunciaram acerca do “milenarismo”, como é o caso do documento *Ecclesia in Europa* de João Paulo II:

Como sublinharam os padres sinodais, “o homem não pode viver sem esperança: a sua vida perderia o sentido, tornando-se insuportável”. Muitas vezes pensa-se que é possível satisfazer esta exigência de esperança com realidades efêmeras e frágeis. E assim a esperança, confinada num âmbito intramundano fechado à transcendência, acaba por ser identificada, por exemplo, com o *paraíso prometido pela ciência e a técnica*, com as mais variadas formas de *messianismo*, com a felicidade de natureza hedonista oferecida pelo consumismo, com o prazer imaginário e artificial gerado por substâncias estupefacientes, com *algumas formas de milenarismo*, com o *fascínio das filosofias orientais*, com a *busca de formas esotéricas de espiritualidade*, nas diversas correntes da *New Age*.¹²⁹

127) DINGES, D. W. *New Age*. In: CARSON, Thomas; CERRITO, Joann (ed.). *New Catholic Encyclopedia*. Detroit: Thomson/Gale, 2003, v. 10, p. 272-274.

128) *Ibid.*, p. 275.

129) JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in Europa*, n. 10 (grifo nosso).

Ressalte-se que num mesmo parágrafo o pontífice polonês relaciona o fechamento à transcendência ao pseudoparaíso prometido pela técnica, ao messianismo, ao milenarismo, ao esoterismo e ao *New Age*. É interessante ainda observar que o milenarismo aqui qualificado se justifica na tendência de transferir a esperança teologal ao âmbito intramundano, onde se configuraria o destino da humanidade.

Nessa direção, é possível afirmar que os movimentos e os indivíduos que adotam as doutrinas e os métodos “litúrgicos” do *New Age* poderiam ser denominados milenaristas por definição: “Enquanto o movimento *New Age sensu lato* é ao menos nominalmente preocupado com a ‘busca pelo milênio’, somente no *New Age sensu scripto* é que esta esperança de uma nova era tem eminente o foco de sua atenção”.¹³⁰

Para evidenciar essas características, é mister tomar alguns exemplos históricos sobre o fenômeno.

Entre os milenaristas de inspiração *New Age* com alguma relação com o Cristianismo recordem-se os líderes teosofistas Annie Besant (1847-1933) e Charles W. Leadbeater (1854-1934), que almejavam combinar as esperanças cristãs com as budistas.¹³¹ Como sabemos, uma das doutrinas fundamentais do budismo é precisamente o carma, que implica num complexo e variado processo de regenerações do espírito.

Mais tarde, nos anos de 1960, é fundada nos EUA a Sagrada Ordem de MANS que combina espiritualismo, Rosa Cruz e grupos de estudos de óvnis e teosofia com elementos da Igreja Ortodoxa Oriental. Mensagens do “Mestre Jesus” alegadamente recebidas pelo fundador Earl W. Blighon atestavam que os seus membros seriam nada menos que os guias de uma “nova era”.¹³² O sucessor Andrew Rossi foi depositário de supostas comunicações segundo as quais os “cristãos estavam chamados para seguir a Cristo ‘para além do Cristianismo, ou da religião... para além do próprio Jesus, a fim de encontrar alma com espírito no Deus-Mãe-Pai’”.¹³³

Retomando as características dos movimentos *New Age* conforme a explicação acima, recorde-se ainda a promoção de métodos de meditação “trans-

130) HANEGRAAFF, Wouter J. *New Age Religion and Western Culture: Esotericism in the Mirror of Secular Thought*. Albany, NY: State University of New York Press, 1998, p. 98.

131) Cf. LUCAS, Phillip Charles. *New Age Millennialism*. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford Handbook of Millennialism*. Oxford: OUP, 2016, p. 569.

132) Cf. *ibid.*, p. 576.

133) Cf. *ibid.*, p. 577.

cidental”, entre os quais, o mais conhecido é o Yoga. Como se sabe, o objetivo dessa prática é a união com o universo ou com a divindade (Brahma, Shiva, Visnu).

No âmbito cristão, é sempre crescente a adoção de suas teorias e práticas no seio de instituições católicas, ou ao menos aquelas que pretendem ser. De toda sorte, esse sincretismo já fora prognosticado há quase trinta anos num livro especializado sobre o assunto. Eis uma breve lista de relações sincréticas de grupos católicos com a espiritualidade *New Age*:

- Uma “espiritualidade feminista” exclusiva para mulheres que vai “além do Pai e do Filho” e em seu lugar celebra o ego, procurando entrar em contato com a natureza ou “a divindade”. Tal sistema requer uma sociedade matriarcal e não pode aceitar um Deus ou Salvador do gênero masculino.
- Uma nova “missão” para missionárias que não inclui nenhum incentivo de conversão à Religião Católica. Missionárias que buscam “sabedoria” aos pés do guru hinduísta e que consideram citações das escrituras hindus e chinesas com mais assombro e reverência do que concordam com a Bíblia.
- Sacerdotes católicos que correm para *ashrams* hindus, comparando-as a “casas de retiro” católicas, apoiados por bispos católicos.
- Escolas católicas adeptas do movimento Nova Era que estão interessadas, antes de mais nada, em ensinar valores para um mundo não cristão, comandado por um único governo universal, e no advento da Nova Era. Temas básicos como os Dez Mandamentos e a crença na Ressurreição são considerados dispensáveis.
- Um jesuíta da Índia que pregou meditações de Páscoa para clérigos e leigos. Suas técnicas levam o participante a ter contato com demônios, apresentados como sábios espíritos orientadores.
- Um sacerdote dominicano extremamente popular que sustenta que a prática do Cristianismo tradicional equivale a “prostituir-se com deuses do passado”. Na Nova Era somos chamados a louvar a criação... e a criatura.
- Cursos, fitas e livros que prometem “ensinar a rezar”. Estas novas orações, apresentadas como antigas técnicas cristãs, revelam-se na verdade portas de acesso para estados de inconsciência e possessões demoníacas.
- A reabilitação dos ensinamentos condenados do jesuíta Pierre Teilhard de Chardin. Teilhard é o principal inspirador dos adeptos da Nova Era, tanto católicos como não católicos. Um teólogo católico que aceita a possibilidade da reencarnação, de que Deus irá por fim enternecer-Se e permitirá a entrada de todos os homens no Céu. Ele espera que o xamanismo torne-se a prática dominante enquanto nos movemos rumo à Nova Era de conscientização global.

- Um sacerdote franciscano que percorre igrejas e conventos católicos ensinando os fiéis a manipular a realidade com a mente utilizando a ajuda e conselho de seres espirituais.
- Grande número de editores católicos nacionais que revendem livros e gravações incluindo yoga, cânticos mantra, música Nova Era, meditações de cura, religiões orientais e jornalismo intensivo sobre meditação ocultista. Tudo isso é apresentado como via para atingir uma “espiritualidade” católica.¹³⁴

Dessa sintética lista, destaca-se o aclamado teólogo jesuíta Teilhard de Chardin, denominado o “profeta do New Age”.¹³⁵ Ademais, foi reconhecido como uma das causas do declínio das instituições religiosas católicas (religiosos e religiosas em particular¹³⁶), substituindo seus métodos por uma “vácua espiritualidade *New Age*”.¹³⁷ Em seu *Hino à matéria*, Chardin aclama a “fonte melodiosa de água” e o “límpido cristal”, dos quais a “nova Jerusalém” ou o

134) ENGLAND, Randy. *The Unicorn in the Sanctuary: the New Age Movement in the Catholic Church*. Manassas, Va.: Trinity Communications, 1990, p. 11-13: “A separate ‘feminist spirituality’ for women that goes ‘beyond God the Father’ and instead celebrates self and seeks to connect with nature or ‘the Goddess.’ Such a system demands a matriarchal society and cannot accept a male God or Saviour. A new ‘mission’ for missionaries which does not include any motive of conversion to the Catholic Religion. Missionaries who seek ‘wisdom’ at the feet of Hindu holy men and whose writings quote from the Hindu and Chinese scriptures with more awe and reverence than they accord the Bible. Catholic priests who run Hindu ashrams disguised as Catholic ‘retreat houses’ and Catholic bishops who support them. ‘New Age’ Catholic schools that are chiefly interested in teaching values for an un-Christian one-world government and the coming New Age. Such basic items as the Ten Commandments and belief in the Resurrection are considered dispensable. A Jesuit from India who has taught Eastern meditation to Catholic clergy and laity alike. His techniques bring the ‘seeker’ into contact with demons visualized as wise spirit guides. An extremely popular Dominican priest who maintains that the practice of traditional Christianity is equivalent to ‘whoring after past gods.’ In the New Age, we are to worship the creation ... and the creature. Courses, tapes and books that promise to ‘teach us how to pray.’ These new prayers, billed as ancient Christian techniques, turn out to be doorways to altered states of consciousness and demonic realms. The rehabilitation of the condemned teachings of Jesuit Pierre Teilhard de Chardin. Teilhard is the premier inspiration for New Agers, both Catholic and non-Catholic alike. A Catholic theologian who accepts the possibility of reincarnation and that God will ultimately relent and allow all men into Heaven. He expects that shamanism (witchcraft) will become the norm as we move into a New Age of global consciousness. A Franciscan priest who travels the circuit of Catholic churches and convents teaching the faithful how to manipulate reality with their minds, using the aid and counsel of spirit beings. Numerous large national Catholic publishers who peddle books and tapes which include yoga, mantra chanting, New Age music, healing meditations, Eastern religions and Intensive Journaling through occult meditation. These are all presented as avenues to enhanced Catholic ‘spirituality’”.

135) LANE, David H. *The Phenomenon of Teilhard: Prophet for a New Age*. Macon, Ga.: Mercer Univ. Press, 1996.

136) Segundo as estatísticas, o número de religiosos e membros de sociedades de vida apostólica reduziu-se de 329.799 em 1965 para 214.903 em 2005, e esse número continua em declínio. Cf. PARDILLA, Angel. *I religiosi ieri, oggi e domani*. Roma: Rogate, 2007, p. 285.

137) GRUMETT, David. *Teilhard de Chardin: Theology, Humanity, and Cosmos*. Leuven; Dudley, MA: Peeters, 2005, p. 1.

milieu divino do Cristo Cósmico nasceria.¹³⁸ Eis aqui de modo explícito, pois, algumas das expressões típicas de seu quiliasmo.

Com efeito, a *Encyclopedia of New Age Beliefs* afirma a seu respeito:

Talvez o homem mais responsável pela espiritualização da evolução num contexto cósmico e global, ele [Chardin] teve experiências místicas ocultas ao longo de sua vida e confessou: “Desde a minha infância uma força enigmática tem me impedido”. *De Chardin é uma das maiores lideranças por detrás do movimento espiritual New Age* em busca da globalização.¹³⁹

A lista acima cresce sempre mais nos dias de hoje. Convém recordar ainda o sincretismo com religiões que defendem teses paralelas ao *New Age* (ou simplesmente milenaristas), como o hinduísmo. Certa vez, há não muito tempo, o Pe. Saju George, SJ, famoso por encenar danças relacionadas com essa religião, declarou: “Toda a dança é destinada para Deus. Deus pode ser Shiva ou Krishna ou um dos outros deuses da tradição hinduísta”.¹⁴⁰

Outro exemplo é o do monge beneditino Henri Le Saux (ou Swami Abhishiktananda), que fundou um mosteiro na Índia, mesclando espiritualidades cristãs e hindus.¹⁴¹ Como sabemos, o milenarismo hindu se condensa em crenças apocalípticas fora do esquema ocidental, isto é, num sistema de constante criação e destruição universal.¹⁴² Por isso, é possível afirmar que o hinduísmo sustenta tanto uma espécie de automilenarismo quanto um milenarismo cíclico, na medida em que defende a salvação através de “um infinito ciclo de reencarnação”.¹⁴³ Adotar o hinduísmo é, pois, um modo adesão ao milenarismo em sua forma peculiar.

Quanto ao sincretismo ligado à reencarnação, característica típica da mistagogia *New Age*, há uma diversificada gama de tendências. Com frequên-

138) Cf. CHARDIN, Teilhard. Hymn of the Universe, p. 70, apud GUSTAFSON, Fred R. *Pierre Teilhard de Chardin and Carl Gustav Jung Side by Side*. Cheyenne: Fisher King, 2015, p. 70.

139) ANKERBERG, John; WELDON, John. *Encyclopedia of New Age Beliefs*. Eugene, Or.: Harvest House Publ., 1996, p. 661.

140) HIGGINS, Michael. Sacred Dance Ideal for Today’s Catholic Worship. *Toronto Star*, 26/7/2006. On-line: <<http://www.freerepublic.com/focus/religion/1673202/posts>>. Acesso em: 2/2/2018.

141) Cf. e.g. OLDMEADOW, Harry. *A Christian Pilgrim in India: the Spiritual Journey of Swami Abhishiktananda (Henri Le Saux)*. Bloomington, Ind.: World Wisdom, 2008.

142) Cf. URBAN, Hugh B. Millenarian Elements in the Hindu Religious Traditions. In: WESSINGER, Catherine (ed.). *The Oxford Handbook of Millennialism*. Oxford: OUP, 2016, p. 369-382.

143) RHEE, Hong Beom. *Asian Millenarianism: an Interdisciplinary Study of the Taiping and Tonghak Rebellions in a Global Context*. Youngstown, NY: Cambria, 2007, p. 399-400.

cia, o indivíduo adepto do espiritismo (em qualquer de suas formas: kardecista, umbanda, candomblé, macumba, vodu, etc.) possui pendor para diversas teorias milenaristas, de matriz holística (com teorias do tipo “sou uma gota no meio de um oceano”, etc.), ou para a crença em uma espécie de eterno retorno do espírito, mesclado com ocultismo ou mesmo fatalismo. Como não há salvação ou condenação (céu e inferno) nessas espiritualidades, cada alma sempre influenciará o mundo para o destino confiado pelos ancestrais numa constante progressão do espírito. Esse tipo de milenarismo é frequente no Brasil, sobretudo quando mesclado com os cânones do candomblé.

Diante desse panorama, poder-se-ia alegar que tais práticas, de estilo *New Age*, não contradiriam frontalmente a Fé Católica, ao menos em sua essência. Tratar-se-ia apenas de uma opção de estilo de vida, cuja adoção seria uma simples escolha. À luz do magistério eclesial, recorde-se, porém, as relevantes palavras de João Paulo II aos Bispos americanos em sua visita *ad limina*, em 28/5/1993, que refutam essa objeção:

As ideias do movimento Nova Era [*New Age*] conseguem, às vezes, insinuar-se na pregação, na catequese, nas obras e nos retiros, e deste modo influenciam até mesmo católicos praticantes que, talvez, não tenham consciência da *incompatibilidade entre aquelas ideias e a fé da Igreja*. Na sua visão sincretista e imanente, estes movimentos para-religiosos dão pouca importância à Revelação; pelo contrário, procuram chegar a Deus mediante a inteligência e a experiência, baseadas em elementos provenientes da espiritualidade oriental ou de técnicas psicológicas. Tendem a relativizar a doutrina religiosa, em benefício de uma vaga visão mundial, expressa como sistema de mitos e de símbolos mediante uma linguagem religiosa. Além disso, apresentam com frequência um conceito panteísta de Deus, o que é incompatível com a Sagrada Escritura e com a Tradição Cristã. Eles substituem a responsabilidade pessoal das próprias ações perante Deus por um sentido de dever em relação ao cosmo, opondo-se, assim, ao verdadeiro conceito de pecado e a necessidade de redenção por meio de Cristo.¹⁴⁴

Portanto, na visão do papa polonês é impossível qualquer tipo de relação entre a Igreja Católica e os movimentos da Nova Era (*New Age*) por intrínseca contradição. As suas doutrinas e práticas são em larga medida quiliastas, no sentido de busca de salvação nas realidades cosmológicas, num rumo imanente dos acontecimentos e da promiscuidade esotérica com o mundo. Isso poderá ocorrer numa espécie de eterno retorno da história mundial (típico das

144) Tr. port. in: ALMEIDA, João Carlos. *Nova era e fé cristã*. São Paulo: Loyola, 1994, p. 11.

religiões orientais) ou de modo individual (reencarnação). O próprio panteísmo oriental (deus imanente no mundo), bastante recorrente em facções *New Age*, é de tendência milenarista, na medida em que confia os eventos históricos a uma espécie de conflagração do cosmos na divindade.¹⁴⁵

4. Características gerais do milenarismo a partir dos exemplos apresentados

As clássicas características dos movimentos milenaristas elencadas no início se confirmam com os exemplos medievais e contemporâneos acima oferecidos. O “milênio” esperado seria reduzido aos membros da coletividade, seria puramente terrestre, de modo iminente ou segundo um destino fatalista, seria total e com auxílio sobre-humano, conforme as balizas da doutrina quiliasta.

Ao examinar os movimentos em seu conjunto, poderíamos ainda acrescentar alguns traços comuns ou ao menos frequentes, conforme uma enumeração em cinco pontos.

4.1. Factual datação de acontecimentos com base em números

Muitos movimentos milenaristas propõem uma data precisa para o advento de uma nova era, ou oferecem cálculos futuroológicos baseados em eventos do passado. No âmbito cristão, se fundamentam por vezes numa interpretação literal da Bíblia (ou dos livros canônicos específicos do grupo), em meras estimativas numerológicas (notadamente a partir do número “mil”, conforme o Apocalipse), em uma pressuposta revelação secreta de uma data específica ao mentor ou à coletividade, ou ainda mera conjectura calculista, cabalística ou esotérica.

Essa perspectiva aritmética como cerne dogmático se tornou evidente em movimentos cristãos da segunda metade do século XX, tais como os Adventistas do Sétimo Dia e os Pentecostais, os quais recorrem à “numerologia milenarista dos israelitas” para interpretar literalmente o livro de Ezequiel, por exemplo.¹⁴⁶

145) WOODS, Richard. What is New Age Spirituality? *The Way*, v. 33, 1993, p. 175.

146) Cf. HUNT, Stephen. *Christian Millenarianism: from the Early Church to Waco*. London: Hurst, 2001, p. 189.

4.2. Conteúdo herético ou tendente à heresia

Entre os equívocos opostos à virtude da Fé nos movimentos milenaristas, encontra-se a frequente tentação de messianismo. É comum que o líder milenarista se autoproclame “messias” ou algum personagem “salvador” como foi o caso de Simão Bar Kozeba, Talchelm, Budo de Stella e Bockelson.

Ademais, nessa mesma linha, o mentor também poderia ser revestido de poder especial sobre-humano, como no caso daqueles que apregoavam uma união íntima com o Espírito Santo (ex.: os anabatistas e os amaurianos).

A tentação autocrata foi também típica dos movimentos totalitários do século XX (em particular, comunismo e nacional-socialismo) ou da Teologia da Libertação ao identificar o salvador da humanidade num mandatário carismático que fundaria uma espécie de paraíso terreno após uma sublevação revolucionária (luta de classes), por intermédio do partido. Tratar-se-ia, portanto, nesse caso, de uma espécie de messianismo secular.

Com muita frequência existe nos movimentos quiliastas uma errônea concepção de Deus, seja no tocante à sua essência (como foi o caso de Joaquim de Fiore com o equívoco da “quaternidade”), ou à sua ação, sobretudo pela difusão de teses de tendência panteística, típica dos movimentos *New Age*.

Os milenaristas cristãos corrompem em geral a doutrina acerca dos sacramentos, notadamente o Batismo, pelo desprezo das práticas vigentes. Assim, por exemplo, no reino futuro os sacramentos seriam realizados de maneira inédita, ou simplesmente abolidos em favor de uma experiência direta ou íntima com Deus. O sacramento da Ordem era atacado por inspirações igualitárias, bem como o Matrimônio para favorecer a um maior ou menor “amor livre”, cujas primeiras formas se encontram precisamente em movimentos dessa índole. Outras tradições da Igreja — litúrgicas, por exemplo — são habitualmente rejeitadas ou pelo menos impregnadas de espírito sectário.

Há, ademais, como se analisou, um frequente desprezo do magistério eclesialístico ou da tradição por meio de revoltas armadas. A fé é constantemente corrompida, seja por tentar reduzi-la ao materialismo ou por sua “profanação”, como foi o caso do marxismo que serviu de inspiração à Teologia da Libertação, seja pelo falso espiritualismo, ou ainda pelas caricaturas do misticismo ou mesmo pelo completo sincretismo, como é o caso das doutrinas afins ao *New Age*.

4.3. *Contrariedade à moral ou aos retos costumes*

É comum que os milenaristas se corrompam por dois pecados capitais: a avareza e a luxúria. Seria inútil, em todo caso, ressaltar o papel do orgulho, pois pervade todas as dimensões dos disparates destes movimentos. Por isso, é dispensável detalhar a sua relação com os grandes morticínios do século passado, base das ditaduras para a fundação de uma nova era.

Quanto à avareza, esta se reproduz com frequência na história dos movimentos milenaristas através de aspectos ligados ao apego aos bens materiais ou pelo exacerbado pauperismo, com vistas ao próprio favorecimento financeiro (com frequência em prejuízo de outros). Esta particularidade se torna ainda mais evidente naquela dimensão que se denominou de “milenarismo igualitário”, corrente precursora do comunismo, por defender o advento de uma nova era, quando tudo seria comunitário num utópico reino isento de desigualdades. Ora, esse “reino de liberdade” seria conquistado pela força através das revoltas camponesas ou pela rebelião das massas sob a liderança de um líder carismático. Ademais, não é incomum a prática de extorsão por parte desses movimentos.

Quanto ao pecado da luxúria, verificam-se diversas anomalias em relação ao sacramento do Matrimônio, como a defesa de sua abolição ou a sua corrupção, seja através do divórcio, seja através da poligamia *in extremis*. Não é menos frequente que certos movimentos milenaristas promovam verdadeiros absurdos em matéria de moral sexual ao desviar-se para a promiscuidade desenfreada, amor livre ou até mesmo a prática cotidiana do nudismo, pois supostamente o homem retornaria ao seu estado original (adamismo). Na perspectiva quiliasta, tratar-se-ia no fundo de um sinal da graça paradisíaca.¹⁴⁷ Nessa concepção, o importante seria conquistar o “milênio”, independentemente dos meios. Há ainda certos movimentos, porém, que tendem ao rigorismo ou mesmo ao simples amoralismo, típico dos grupos atrelados ao *New Age*.

Por fim, não é pouco frequente o desprezo pelas leis morais e a insubmissão, seja ao Magistério da Igreja, seja ao poder público em favor de uma nova espiritualidade que os dispensaria. Conforme afirmou Hitler: “Estamos ávidos por poder, e o tomaremos onde quer que possamos apanhá-lo”.¹⁴⁸

147) Cf. BARKUN, Michael. *Millennialism and Violence*. London: Cass, 1996, p. 71.

148) TISMANEANU, Vladimir. *O diabo na história: comunismo, fascismo e algumas lições do século XX*. Campinas: Vide, 2017, p. 194.

4.4. Intrinsecamente contraditório ou absurdo

Encaixa-se aqui de modo especial o messianismo em todas as suas formas, sobretudo pela reivindicação ligada à reencarnação de Jesus Cristo ou à atestação de que o próprio líder seria um ser divino, um novo redentor.

Em perspectiva antropológica, não é raro defrontar posturas de endeusamento do homem (i.e. seria perfeito na nova era). Alguns chegam a defender que a humanidade passaria a ser isenta de imperfeições intrínsecas como, por exemplo, a maneira em que ocorreria a geração de novos indivíduos no novo reino (de modo puramente espiritual). Recorde-se ainda que alguns milenaristas chegavam a afirmar que no porvir o homem seria dispensado da razão (em favor da fantasia?), o que é intrinsecamente contraditório pela própria definição de homem.

Há também no sincretismo *New Age* a tendência a acatar doutrinas díspares entre si, adotando supostamente os dogmas cristãos juntamente com as doutrinas e ritos do milenarismo de inspiração espírita (em suas várias formas), de religiões orientais, como o budismo e o hinduísmo, ou qualquer outra forma de “mística” holística.

Ademais, as teorias e práticas do comunismo são incompatíveis *in radice* com os ensinamentos da Igreja, pela apostasia da fé e a excomunhão reservada à Sé Apostólica, além de sua ideologia ser intrinsecamente ateia. Entre essas doutrinas se configura o seu milenarismo, quando pretende professar a conquista do “reino de liberdade” pelo materialismo ou por forças puramente humanas. Nesse sentido, a conciliação das práticas marxistas (inclusive quielistas) com a dogmática católica, conforme pretenderam diversos expoentes da Teologia da Libertação, é uma *contradictio in terminis*. Seria como se afirmasse que o teísmo fosse o mesmo que ateísmo, o racional fosse o mesmo que o irracional¹⁴⁹ e, enfim, que a escatologia fosse idêntica ao milenarismo.

4.5. Portador de equívocos de índole sócio-política ou psicológica

Os movimentos milenaristas frequentemente se apresentam em facções reacionárias e em franca oposição ao *status quo*. No “milênio” por eles configurado, apenas seus membros seriam redimidos. Ora, para alcançar tais objetivos, promovem, em geral, levantes ou revoluções populares, por meio da luta armada e/ou reação injusta contra os poderes constituídos. Como foi

149) Recorde-se expressão de Ratzinger: “A crítica própria a essa ‘teologia’ [da libertação] é a sua irracionalidade filosófica (*philosophische Irrationalität*)” (cit. in nota supra n. 125).

comprovado, esses ideais quiliastas estão conectados com os dogmas comunistas ou até mesmo anarquistas.¹⁵⁰ Com efeito, é recorrente que “os movimentos milenários sejam violentos, anárquicos e às vezes revolucionários”.¹⁵¹ Outro autor especialista no assunto confirma que há sempre no quiliastro a ânsia de alcançar o “milênio” através do uso de “meios revolucionários violentos”.¹⁵² Por outro lado, muitas das revoluções clássicas — como na França, Rússia, Estados Unidos, Inglaterra e China — contêm características do milenarismo.¹⁵³ Muitas vezes, como no caso do comunismo na Rússia, tais revoluções tomam ares de religião instituída, cuja salvação é reservada para seus aderentes, sobretudo os mais radicais.¹⁵⁴

No âmbito sociológico, é também frequente o nascimento de movimentos milenaristas num contexto pauperístico. De fato, “a pobreza e/ou a privação material é o fator mais importante para a emergência do milenarismo (e, portanto, da violência política). O conjunto de seus membros é com frequência pobre, embora não exclusivamente”.¹⁵⁵ Ademais, “os estudiosos consensualmente afirmam que há uma ligação entre febres milenaristas e grupos sociais em crise [...], um protesto contra a situação vigente [...] por uma forma de crítica social e de afirmação da dignidade humana dos pobres”.¹⁵⁶

Desse modo, para muitos dos movimentos milenaristas a pobreza é entendida como sinal de predileção.¹⁵⁷ Essa modalidade típica da Idade Média teve como exemplos o despojamento suscitado por Konrad Schmid e Thomas Münzter, universalmente reconhecido como precursor do comunismo. No tocante ao Medievo, acrescentem-se ainda certas correntes dos “franciscanos espirituais” propagadores da pobreza *in extremis*, como cumprimento do Rei-

150) Cf. GREISIGER, Lutz. Apocalypticism, Millenarianism, and Messianism. In: SILVERSTEIN, Adam J.; STROUMSA, Guy G. (ed.). *The Oxford Handbook of Abrahamic Religions*. Oxford: OUP, 2015, p. 281.

151) PARKER, Martin; FOURNIER, Valerie; REEDY, Patrick. Millenarianism. In: PARKER, Martin; FOURNIER, Valerie; REEDY, Patrick (ed.). *The Dictionary of Alternatives: Utopianism and Organization*. London: Zed Books, 2013, p. 181.

152) BARKUN, Michael. *Disaster and the Millennium*. New Haven: Yale University Library, 1974, p. 18.

153) Cf. *ibid.*

154) Nesse sentido cf. DUNCAN, Peter J.S. *Russian Messianism: Third Rome, Revolution, Communism and After*. London; New York: Taylor & Francis, 2002.

155) Cf. LEE, Martha F. *Millennial Visions: Essays on Twentieth-Century Millenarianism*. Westport, Conn.: Praeger, 2000, p. 59.

156) JUNG, Jung Mo. Sacrifícios e certeza num mundo de incertezas: neoliberalismo e milenarismo. In: BRITO, Enio José da Costa, et al. (ed.). *Milenarismos e messianismos ontem e hoje*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 43-44.

157) BARKUN, Michael. *Millennialism and Violence*. London: Cass, 1996, p. 72.

no de Cristo na terra. Na radicalização do idealismo pauperístico, “a sua sorte era uma insegurança extrema e permanente, e o seu milenarismo era violento, anárquico, por vezes verdadeiramente revolucionário”.¹⁵⁸

No século XX essa dimensão se torna mais evidente nos aderentes das teorias propostas por Marx, sobretudo em suas formas mais truculentas, como a que defende a “revolução das massas”. Como já se comentou, é comum que as tiranias de inspiração milenarista procurem favorecimento econômico para os seus membros, em particular para o líder, em detrimento dos demais.

Haveria quase sempre um local ungido, uma “nova Jerusalém” (por exemplo, a Alemanha para os nazistas), na qual Deus faria ali sua morada e a favoreceria de modo especial. No viés mais pauperístico de conquista de um reino redentor, o teólogo da libertação Pe. Jon Sobrino, SJ defendeu, por exemplo, que “quando se realiza a opção pelos pobres, o reino de Deus toma um rumo preciso: é o reino dos pobres”.¹⁵⁹ Seria essa uma das vertentes do que Bento XVI definiu como milenarismo “falso” e “fácil”?

Do ponto de vista psicológico, encontram-se ainda traços de histeria coletiva ou elementos semelhantes, além de pessoas do grupo com tendências psicopáticas (e.g. em caso de sublevações ou similares) ou paranoide, pela defesa de excentricidades ou contradições absurdas, com frequente uso de violência ou terrorismo.¹⁶⁰

Em suma, o milenarismo é “uma das formas de manifestação do aspecto contestador ou revolucionário das religiões”.¹⁶¹ E vice-versa, conforme as palavras do filósofo russo Berdiaev: “O mito da revolução é um mito milenarista”.¹⁶²

158) COHN, Norman Rufus Colin. *Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média*. Lisboa: Presença, 1981, p. 12.

159) SOBRINO, Jon. La centralidad del “reino de Dios” en la teología de la liberación. *Revista Latinoamericana de Teología*, v. 9, 1986, p. 270.

160) Cf. BARKUN, Michael. *Disaster and the Millennium*. New Haven: Yale University Library, 1974, p. 20.

161) JUNG, Jung Mo. Sacrifícios e certeza num mundo de incertezas: neoliberalismo e milenarismo. In: BRITO, Enio José da Costa, et al. (ed.). *Milenarismos e messianismos ontem e hoje*. São Paulo: Loyola, 2001, p. 45.

162) Apud: PIRES, Alves. Dostoievski, Berdiaev e a “ideia russa”. *Brotéria*, v. 128, 1989, p. 524.

Proposta à guisa de conclusão

Alcançados os objetivos enunciados na introdução quanto à significação e caracterização do termo “milénarismo”, cabe buscar agora uma solução para esse problema em nossos dias.

Na famosa entrevista do Cardeal Ratzinger para o jornalista italiano Vittorio Messori — *Rapporto sulla fede* (trad. port.: *A fé em crise?*) — tratou-se no capítulo VIII da crise da espiritualidade no limiar do século XX, que passava pelo colapso das vocações religiosas, pela confusão entre *renovação* e *acomodação* por parte das ordens e congregações religiosas, bem como a necessidade de retomar o sentido autêntico de espiritualidade na teologia, entre outros.

Por fim, o teólogo alemão versa sobre o “desafio das seitas”, cujo crescimento — nas palavras de Messori — alcança “dimensões sempre mais impressionantes”.¹⁶³ O periodista se interroga sobre a insistência desses grupos no aspecto escatológico e de sua peculiar atuação junto às realidades terrenas.

O então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé elucida, por sua parte, que “o cristianismo sempre conheceu faixas de espíritos religiosos expostos ao fascínio desse tipo de anúncio excêntrico e heterodoxo. Sua expansão mostra também os vazios e carências do nosso anúncio e da nossa práxis [i.e. da Igreja]”.¹⁶⁴ Ou seja, ele retoma aqui um aspecto abordado anteriormente, mas que se aplica também ao avanço das seitas e espiritualidades estranhas à doutrina cristã: “A crise da Igreja de hoje é, antes de tudo, uma crise dos sacerdotes e das ordens religiosas”.¹⁶⁵

Pois bem, ante esse vácuo deixado pelos representantes da Igreja, Ratzinger comenta:

O escatologismo radical e o milénarismo que caracterizam muitas dessas seitas podem avançar graças ao desaparecimento, em muitas pastorais, desse aspecto do autêntico catolicismo. Há nessas seitas uma sensibilidade (que nelas é levada ao extremo, mas que, em medida equilibrada, é autenticamente cristã) aos perigos de nosso tempo e, portanto, a uma possibilidade de fim iminente da história.¹⁶⁶

163) RATZINGER, Joseph; MESSORI, Vittorio. *A fé em crise? O cardeal Ratzinger se interroga*. São Paulo: E.P.U., 1985, p. 86.

164) Ibid.

165) Ibid., p. 37.

166) Ibid., p. 86.

Na parte inicial dessa passagem o então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé reforça a questão da perda da identidade católica — como é propiciado, por exemplo, pelo sincretismo *New Age* — como uma das fontes para a proliferação de certas vertentes de milenarismo. Ora, qual a solução do hoje Papa Emérito Bento XVI para essa típica forma de escatologismo? Eis a sua resposta na célebre entrevista:

*A valorização correta de mensagens como a de Fátima poderia ser um nosso tipo de resposta: a Igreja, acolhendo a mensagem viva de Cristo, dada através de Maria a nosso tempo, sente a ameaça da ruína de cada um e de todos, e responde pela penitência, pela conversão decidida.*¹⁶⁷

Em outras palavras, a solução para o avanço do milenarismo será sempre uma reavaliação dos temas a ele conexos. Em outras palavras, do ponto de vista sociológico será sempre a valorização de uma reta relação entre teologia e política, conforme já se tratou. É evidente que a Igreja vive no *ethos* político, mas a sua doutrina escatológica não é e não pode ser política, muito menos de índole totalitária.

Do ponto de vista espiritual, caberia certamente uma retomada da autêntica vocação mística, profética e contemplativa da Igreja. Portanto, conforme se salientou, as revelações privadas, como a de Fátima, seriam incremento fundamental nessa ingente e cada vez mais atual tarefa. Isso se baseia na certeza da constante atuação divina e providencial no mundo atual, distinguindo-a de todo e qualquer milenarismo. Mas esse tema fica para um próximo artigo.

167) *Ibid.*, p. 86-87.